

# FIOCRUZ AMAZÔNIA

R E V I S T A



## TERRITÓRIO LÍQUIDO

Acesso e cuidado da saúde de ribeirinhos em Borba-AM é foco de pesquisadores do Lahpsa da Fiocruz Amazônia.



### PESQUISA

SUICÍDIO INDÍGENA É UM SÉRIO E NEGLIGENCIADO PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA.

### ENTREVISTA

"CIÊNCIA, TECNOLOGIA & INOVAÇÃO PASSA POR ALTOS E BAIXOS", APONTA MARIO NETO BORGES, PRESIDENTE DO CNPq

### COOPERAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO EM TABATINGA POTENCIALIZA ATUAÇÃO DA FIOCRUZ AMAZÔNIA NA TRÍPLICE FRONTEIRA.

**+ CONQUISTA FIOCRUZ APROVA TESE QUE FORTALECE SEU PROTAGONISMO NA AMAZÔNIA.**



# PDI

PLANO DE  
DESENVOLVIMENTO  
INSTITUCIONAL

ILMD - FIOCRUZ AMAZÔNIA

2018 - 2021



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ILMD

INSTITUTO LEÔNIDAS  
& MARIA DEANE  
Fiocruz Amazônia



# A CONSTRUÇÃO INSTITUCIONAL NASCE DA SINERGIA ENTRE AS PESSOAS.



SOLIMUOKA.COM



Rua Teresina, 476. Adrianópolis.  
Manaus – AM. CEP. 69.057-070.  
Tel.: (92) 3621-2323



amazonia.fiocruz.br  
ILMDFiocruzAmazonia

# Sumário



33

## CAPA

Pesquisadores da Fiocruz Amazônia investigam o acesso e o cuidado da saúde de ribeirinhos na UBS Fluvial Igaracu, em Borba-AM.



13

Presidente do CNPq, Mário Neto Borges, fala sobre cenário de C,T&I.



18

Compromisso de todos é crucial para sucesso do PDI 2018-2021

## SESSÕES

07 CARTA DO DIRETOR

10 SAÚDE EM NOTA

12 MULTIMÍDIA

25 EM CAMPO

46 SUA LEITURA

68 NA ESSÊNCIA



20

Novos doutores reforçam quadro da FioCruz Amazônia.



54

Curso de Especialização em Vigilância em Saúde na Rede de APS na Tríplice Fronteira do Alto Solimões reforça a importância da cooperação institucional na Amazônia.



27

Tese Amazônia é aprovada no Congresso Interno da FioCruz.



56

Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente desperta interesse de alunos para o bem-estar coletivo.



43

FioCruz Rondônia consolida posição no desenvolvimento de pesquisas voltadas à região Amazônica.



60

13ª edição do Congresso Internacional da Rede Unida promove em Manaus debate em torno da saúde, da educação, da arte e cultura.



47

Pesquisadores da FioCruz alertam sobre o elevado risco de suicídio entre indígenas no País.



63

Revista FioCruz Amazônia inova na forma de comunicar ciência e saúde.

## EXPEDIENTE

Fiocruz Amazônia – Revista ano 2 – nº02 Publicação de divulgação científica semestral produzida pelo Instituto Leônidas & Maria Deane – Fiocruz Amazônia ISBN 2594-5548.

### MINISTÉRIO DA SAÚDE

Gilberto Occhi

#### Ministro

### FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Nísia Trindade

#### Presidente da Fiocruz

### INSTITUTO LEÔNIDAS & MARIA DEANE

#### / FIOCRUZ AMAZÔNIA

Sérgio Luiz Bessa Luz

#### Diretor

Felipe Gomes Naveca

#### Vice Diretor de Pesquisa e Inovação

Carlos Henrique Carvalho

#### Vice Diretor de Gestão e Desenvolvimento Institucional

Claudia María Ríos Velásquez

#### Vice Diretora de Ensino, Comunicação e Informação

Severina de Oliveira dos Reis

#### Chefe de Gabinete

Marlúcia Seixas

#### Assessora de Comunicação

### COMITÊ EDITORIAL

Bernardo Lessa Horta

Cláudia Maria Ríos Velásquez

Carlos Henrique Soares Carvalho

Cristiane de Lima Barbosa

Felipe Gomes Naveca

Maria Olívia de Albuquerque Ribeiro Simão

### EDITORIAÇÃO

Cristiane de Lima Barbosa MTB-AM 092

#### Editora-Executiva/Jornalista Responsável

Maria Olívia Simão

#### Editora-Executiva Adjunta

Alexandre Almeida

Eduardo Gomes

Marlúcia Seixas

Peter Illiciev

#### Fotos

Edilson Soares

Marisa Matos Maia

Severina Reis

#### Revisão

#### Maloka Branding Novos Negócios

César Alcon Ribeiro - CEO

#### Projeto Gráfico

Marcio Maciel Rodrigues

#### Diagramação

## Nossa Capa



Ilustração em 3D, criada pelo designer Fernando Silva/Maloka Branding, que representa o Rio Madeira e suas barrancas onde se encontram as populações ribeirinhas atendidas pela UBS Fluvial Iguaracu. A cor foi escolhida para melhor representar as características das águas barrentas do Madeira.

Rua Teresina, 476. Adrianópolis.

Manaus – AM. CEP: 69.057-070.

Tel.: +55 (92) 3621-2323

## Carta **do Diretor**

É uma grande satisfação apresentarmos esta nova edição da Fiocruz Amazônia Revista. Aqui você vai encontrar novidades relacionadas tanto à gestão institucional quanto à educação e pesquisas científicas em saúde. Nosso entrevistado nesta edição é o presidente do CNPq, professor Dr. Mário Neto Borges, que nos apresenta um panorama sobre a C,T&I no País. Um dos destaques do conteúdo desta revista é o alinhamento do conteúdo aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), previstos e elaborados na Agenda 2030 da ONU. Tivemos o cuidado de elencar alguns objetivos e integrá-los ao conteúdo de cada matéria aqui publicada a fim de revelar como a Fiocruz está atenta à Agenda 2030, o que se evidenciou pela aprovação da Tese 06 no VIII Congresso Interno da Fiocruz, que teve como tema 'O futuro do SUS e da democracia'. Uma boa nova é o início do intenso trabalho de elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI (2018-2021) - ILMD/Fiocruz Amazônia, que consiste no nosso instrumento estratégico de gestão nesse período. O plano é alinhado às Teses e Diretrizes do VIII Congresso Interno da Fiocruz e aos direcionadores estratégicos do FUR. Vire a página e acompanhe as novidades que selecionamos para você. Estamos plantando o futuro para o avanço das pesquisas científicas voltadas para a saúde e melhorias de condições de vida das populações da Amazônia, valorizando iniciativas como esta que contribuem para popularizar a ciência junto à sociedade.

Sérgio Luiz Bessa Luz

*Diretor*

***Boa leitura!***

A cada matéria desta edição, o leitor irá identificar ao topo o selo com um dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), previstos na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas. O selo indica o número e o objetivo que está relacionado com

a temática abordada na matéria, desta forma mostramos que o ILMD/Fiocruz Amazônia está alinhado com o plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade, conforme definição da ONU. Nesta edição, destacamos os seguintes objetivos:

**OBJETIVO**

Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.

**OBJETIVO**

Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.

**OBJETIVO**

Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

**OBJETIVO**

Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

**OBJETIVO**

Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.

**OBJETIVO**

Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

**OBJETIVO**

Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

**OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**


# ONDE A SAÚDE SE ENCONTRA E SE FORTALECE



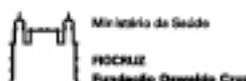
## 12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva

Fortalecer o SUS, os direitos  
e a democracia

Rio de Janeiro / RJ - 26 a 29 julho de 2018

Associe-se à Abrasco e tenha desconto na sua inscrição para o  
Abrascão 2018 • [www.saudecoletiva.org.br](http://www.saudecoletiva.org.br)

Realização:



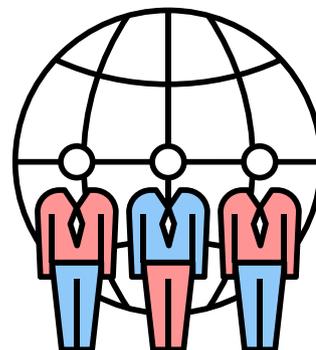
Apoio:



UNIRIO



## Fiocruz Amazônia é estratégica para parcerias internacionais



A Fiocruz Amazônia se configura como instituição estratégica na articulação de parcerias internacionais no que tange ao desenvolvimento de projetos de pesquisa e inovação tecnológica que visem a melhoria da saúde. Desse modo, o fortalecimento de parcerias internacionais é uma das frentes de trabalho do ILMD/Fiocruz Amazônia. O objetivo é fortalecer parcerias com instituições internacionais para o desenvolvimento da pesquisa em doenças infecciosas negligenciadas de relevância epidemiológica na Amazônia, um dos temas que são foco dos docentes e discentes dos Programas de Pós-Graduação do Instituto. Em 2017, diversas ações foram iniciadas nessa direção, tal como o Seminário Internacional em Doenças Negligenciadas da Amazônia, ocorrido de 04 a 07 de dezembro, visando a internacionalização do Programa de Pós-Graduação em Biologia da Interação Patógeno-Hospedeiro (PPGBIO-Interação). O evento, que foi parcialmente

apresentado em inglês, contou com a participação de pesquisadores do Institut Pasteur da Guiana Francesa e estudantes deste e de outros PPGs do Instituto e da Amazônia. No mês de novembro de 2017, representantes da Liverpool School of Tropical Medicine (LSTM) estiveram reunidos em Manaus com pesquisadores do ILMD para apresentar pesquisas que estão sendo desenvolvidas nas duas instituições e alinhar agendas de interesse para a pesquisa em colaboração. Os temas de interesse comum abordam a detecção, controle e tratamento de doenças infecciosas, dentre as quais as mais destacadas foram filarioses, malária, protozoonoses e arboviroses. Ainda em dezembro de 2017, a Medicine for Malaria Venture esteve em Manaus para prospectar e iniciar parceria para pesquisa e desenvolvimento de fármacos contra a malária *vivax*, em especial na sua fase latente.

## Melhor frase nacional sobre Dia da Mulher saiu do Amazonas



“Acolho as outras mulheres como irmãs, amigas e companheiras. Empoderar-se e empoderar é fortalecer o protagonismo feminino perante a sociedade. Empoderamento é autoconhecimento!” Esta foi a frase ganhadora do concurso da ‘Campanha do Dia Internacional da Mulher’, promovida pela Coordenação de Comunicação Social da Presidência (CCS), com apoio da Editora Fiocruz. A campanha lançou a seguinte pergunta: O que você faz para se empoderar ou empoderar as mulheres ao seu redor?

A autora da frase ganhadora é Carla de Paula, que é agente cultural e atua como bolsista do Serviço de Planejamento e Cooperação do ILMD/Fiocruz Amazônia. Ela explicou que, no âmbito institucional, essa representação foi bem importante, pois protagoniza todas as mulheres. A Coordenação de Comunicação Social da

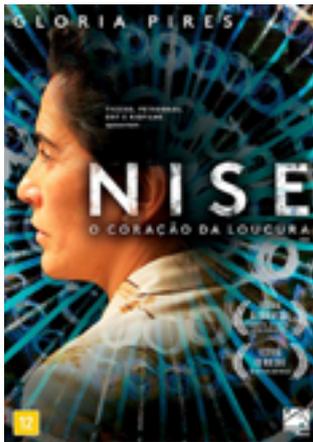
Presidência (CCS) pré-selecionou 5 frases, as quais passaram pela votação popular aberta que totalizou 3.035 votos, dos quais 1.453 foram destinados à frase de Carla.

O ranking das melhores frases ficou da seguinte forma: 1º lugar - Carla Batista de Paula (Fiocruz Amazônia); 2º lugar - Mauricéa Maria de Santana (Fiocruz Pernambuco); 3º lugar - Adriana Teixeira Reis (IFF). Segundo Carla, a inspiração para a frase com a qual concorreu vem da reflexão sobre o papel da mulher na transformação da realidade do mundo. “Pensei sobre a batalha da igualdade de gênero, que ainda desafia o nosso cotidiano com simples questões no âmbito do trabalho e da família e de como o debate acerca do empoderamento feminino e as ações que vêm transformando os duros fatos reais, como o feminicídio e a violência contra a mulher, ainda são imprescindíveis”.



## FILME

## Nise - O Coração da Loucura



Assista ao  
Trailer Oficial

O 'Coração da Loucura' conta a história real de uma das mais importantes mulheres brasileiras, que teve atuação revolucionária na saúde. A médica Nise da Silveira atuou com um método baseado no afeto e na utilização da arte como terapia junto aos internos do Manicômio de Engenho de Dentro - Centro Psiquiátrico Nacional, renomado Hospital Pedro II, no ano de 1944, no Rio de Janeiro. A médica propôs uma nova forma de tratamento aos pacientes que sofrem da esquizofrenia, eliminando o eletrochoque e a lobotomia. Isolada pelos colegas que não concordam com seu meio de tratamento, a psiquiatra assume o Setor de Terapia Ocupacional, onde dá início a uma nova forma de lidar com os pacientes, através do amor e da arte. Nise da Silveira nasceu em Maceió e esteve entre as primeiras mulheres que se formaram em medicina no Brasil. Foi a única mulher a concluir o curso, na turma de 1926, da Faculdade de Medicina da Bahia. Esteve presa, no fim dos anos 1930, por motivos políticos, juntamente com outro importante brasileiro, o romancista, Graciliano Ramos, que retratou esse momento nas brilhantes páginas de sua obra, 'Memórias do Cárcere'.

**Direção:** Roberto Berliner

**Roteiro:** Roberto Berliner; Herbert de Perto; Maurício Lissovski, Maria Camargo, Leonardo Rocha e Chris Alcazar.

**Gênero:** Drama

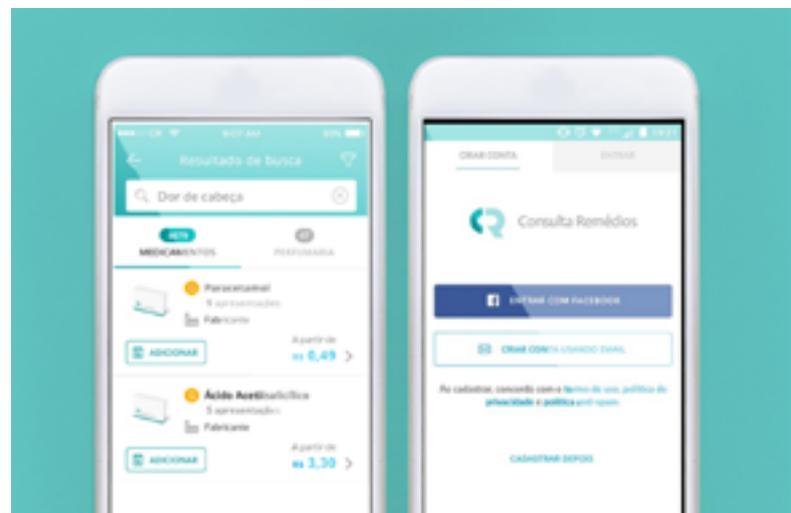
**Prêmios:** Melhor Atriz Oficial do Festival de Tóquio, em 2015 - Glória Pires

**Ano:** 2015

## TECNOLOGIA

## Aplicativo - Consulta Remédios

O Consulta Remédios é um *app* que tem foco em medicamentos e perfumarias, para que você tenha um acesso facilitado aos cuidados médicos. Para facilitar a vida de quem é leigo, o aplicativo também ajuda você a descobrir versões genéricas de um mesmo remédio e entender mais do princípio ativo deles, além de dar um rápido acesso à bula de cada produto. Para encontrar uma bula, basta digitar o nome do medicamento ou princípio ativo na barra de busca e tocar na lupa. Entre na página do medicamento e, no menu superior, toque em 'Bula'. Nessa seção, você deve tocar nos títulos (por exemplo, 'Pra que serve') para ver o conteúdo. O mesmo pode ser feito em produtos de perfumaria, que contam com uma seção chamada 'Descrição'.



Plataformas: Android/iOS



## 5 PERGUNTAS PARA... MARIO NETO BORGES, PRESIDENTE DO CNPq

**POR**

Cristiane Barbosa

**FOTO**

Divulgação/CNPq

Com quase quarenta anos de carreira e muitos desafios já enfrentados, o professor Mario Neto Borges assumiu em outubro de 2016 a gestão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), um dos principais órgãos de incentivo e fomento à pesquisa no País. Engenheiro eletricitista de formação, Mario Neto tem doutorado em Inteligência Artificial aplicada à educação pela *University of Huddersfield* (Inglaterra) e acumula uma ampla experiência acadêmica e de gestão, tendo liderado a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), por cinco anos (2009 a 2014), e atuado como presidente do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) por dois mandatos (2009 a 2014). À frente do CNPq, o professor Mario Neto afirma que a Ciência, Tecnologia & Inovação passa por

altos e baixos. “Infelizmente, mais baixos do que altos”, disse ele na entrevista exclusiva à *Fiocruz Amazônia Revista*. Segundo ele, o País herdou uma das piores crises econômicas de sua história e tenta se organizar novamente do ponto de vista do equilíbrio fiscal. Na visão apurada dele, a área da CT&I sempre sofre mais por – ainda – não ser uma prioridade para a sociedade. Acompanhe a seguir a entrevista completa sobre o cenário de CT&I no País.

**Fiocruz Amazônia Revista - Quais são seus principais desafios e perspectivas frente ao CNPq? Qual o legado que sua gestão pretende deixar?**

**Mario Neto Borges** - Existem desafios internos e externos. No ambiente interno, encontramos uma equipe muito titulada que enfrentava um contexto de baixo

Prof.  
**MARIO NETO BORGES**

Engenheiro eletricitista.

Doutorado em Inteligência Artificial aplicada à educação pela University of Huddersfield (Inglaterra).

Gestor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

estímulo profissional causado por falta de recursos humanos e financeiros essenciais para o desempenho da missão institucional. No ambiente externo, um orçamento dos mais baixos da história com valores contingenciados e compromissos vencidos que não estavam sendo honrados. Ainda é importante mencionar a burocracia paralisante aguardando o processo de regulamentação do novo Marco Legal da Ciência, Tecnologia & Inovação (CT&I). Neste contexto, o legado que pretendemos deixar, com apoio bastante expressivo do MCTI e de uma equipe coesa e integrada, é baseado no encaminhamento de soluções para os principais pontos citados. Ou seja, estamos modernizando a gestão do CNPq, lutando por mais recursos no orçamento, no Fundo Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e de novas fontes e trabalhando no processo de simplificação burocrática por meio de uma regulamentação ágil e flexível do Marco Legal (EC 85/2015 e Lei 13.243/2016).

“

(...) Estamos modernizando a gestão do CNPq, lutando por mais recursos no orçamento, no FNDCT (Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e de novas fontes. ”

“

(...) a área da CT&I sempre sofre mais por – ainda – não ser uma prioridade para a sociedade. ”

**Fiocruz Amazônia Revista - Como gestor o senhor viveu várias fases no cenário de CT&I no País? Atualmente, a ciência no Brasil enfrenta uma crise de investimentos, gerada pela conjuntura política e econômica. Como o senhor analisa este momento e quais seriam as soluções para superar?**

**Mario Neto Borges** - Sem dúvida, são quase quarenta anos de carreira e são muitas as dificuldades já enfrentadas e a serem enfrentadas. Nesta trajetória, vimos a CT&I passar por altos e baixos. Infelizmente, mais baixos do que altos. Sabemos que o País herdou uma das piores crises econômicas de sua história e tenta se organizar novamente do ponto de vista do equilíbrio fiscal. Neste contexto, a área da CT&I sempre sofre mais por – ainda – não ser uma prioridade para a sociedade. Certamente assegurar os valores básicos do orçamento federal para o Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC), assim como o não contingenciamento do FNDCT, são tarefas pelas quais temos de lutar. Para isso, precisamos contar com o apoio da sociedade como um todo na sensibilização do governo e dos parlamentares. Além disso, vamos precisar de novas fontes de recursos para CT&I e estamos, CNPq e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), trabalhando na criação

de um Fundo Privado com recursos das Agências Reguladoras como, por exemplo: Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), Agência Nacional do Petróleo (ANP), Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e Agência Nacional de Águas (ANA).

**Fiocruz Amazônia Revista - Considerando que a Amazônia é uma das regiões que tem menor participação nos indicadores de CT&I no Brasil, como o senhor analisa essa situação para evitar justamente que esse corte linear com a redução de investimentos impacte ainda mais o desenvolvimento de pesquisas científicas e a formação de recursos humanos nesta região tão importante?**

**Mario Neto Borges** - Certamente o País como um todo e a comunidade científica, em particular, sabem que a Amazônia é uma região riquíssima e estratégica para o desenvolvimento do Brasil. Não só pela sua extensão territorial, mas também pela sua riqueza potencial especialmente em recursos naturais e biodiversidade. O CNPq é o Conselho NACIONAL de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e, portanto, tem um compromisso explícito de ter um olhar cuidadoso e particular para as diferentes regiões brasileiras e suas realidades. Programas de indução que considerem as particularidades e potenciais regionais e estaduais estão sendo preparados e lançados no CNPq como o Programa Ecológico de Longa Duração (PELD). Nesta visão, o CNPq tem se aproximado fortemente das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (FAPs) que conhecem seus estados melhor que as agências em Brasília. Dessa forma, planejamos usar a CT&I para o desenvolvimento nacional



que respeite o meio ambiente, mas que gere riqueza e oportunidade de trabalho para a população local.

“

O CNPq é o Conselho NACIONAL de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e, portanto, tem um compromisso explícito de ter um olhar cuidadoso e particular para as diferentes regiões brasileiras e suas realidades. ”

**Fiocruz Amazônia Revista - Como o senhor vê a participação da população no controle social e exercício de pressão política para os investimentos de ciência e tecnologia, já que isso é considerado estratégico para o desenvolvimento do País?**

**Mario Neto Borges** - É fundamental a participação da sociedade como um todo em defesa da CT&I no Brasil. Está demonstrado que, só por meio de CT&I, poderemos alcançar uma condição de potência mundial não só econômica, mas também científica e social, como foi feito em outras nações que hoje se beneficiam de um desenvolvimento sustentável de longo prazo fundamentado no conhecimento. Temos, instituições de CT&I e a comunidade científica, trabalho na sensibilização dos parlamentares e do governo para assegurar recursos suficientes no sentido de garantir as condições de funcionamento da boa estrutura de



pesquisa que o País tem – capaz de resolver problemas nacionais como o recente caso do vírus da Zika. Ao mesmo tempo, temos mobilizado a sociedade e a grande mídia para essa importância crucial da CT&I como pilar fundamental para garantir o desenvolvimento do País de forma sustentável em longo prazo com geração de riqueza e solução dos grandes problemas nacionais.

**Fiocruz Amazônia Revista - Qual papel da divulgação científica para que o país veja a ciência, tecnologia e inovação como elementos estratégicos para o desenvolvimento nacional?**

**Mario Neto Borges** - É essencial!!! Como já havia expressado, a sociedade ainda não considera a CT&I um VALOR embora se beneficie amplamente dos avanços científicos e tecnológicos. Portanto, a divulgação científica tem um papel a cumprir na conscientização da sociedade brasileira como um todo para a importância da CT&I, para geração de riqueza e melhoria da qualidade de vida das

“

Portanto, a divulgação científica tem um papel a cumprir na conscientização da sociedade brasileira como um todo para a importância da CT&I, para geração de riqueza e melhoria da qualidade de vida das pessoas. ”

peças. Especialmente para as crianças e jovens, a divulgação científica cumpre um papel crucial para demonstrar a relevância da ciência no desenvolvimento do País e também na descoberta de talentos que venham a ser nossos futuros cientistas e pesquisadores comprometidos não somente com a geração do conhecimento, mas também e principalmente com o uso deste conhecimento no desenvolvimento do Brasil.

# Compromisso de todos é crucial para sucesso do PDI 2018-2021



## A CONSTRUÇÃO INSTITUCIONAL NASCE DA SINERGIA ENTRE AS PESSOAS.

O diretor do ILMD/Fiocruz Amazônia, Sérgio Luiz Bessa Luz, anunciou o início do processo de elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI (2018-2021) ILMD/Fiocruz Amazônia, durante reunião realizada dia 13 de março com delegados e observadores do VIII Congresso Interno da Fiocruz e bolsistas do Projeto de Gestão e Desenvolvimento Institucional (PGDI) do ILMD. Na ocasião, o gestor também informou sobre a importância da aprovação da 'Tese 9', proposta pelo Instituto no VIII Congresso Interno, ocorrido de 11 a 14 de dezembro de 2017, na Residência Oficial da Fiocruz, no Rio de Janeiro. Na sua fala inicial, o diretor relembrou da decisão estratégica de esperar o VIII Congresso para produzir o PDI do ILMD/Fiocruz Amazônia (2018-2021),

mesmo tendo sua primeira fase concluída em 2017 (Diagnóstico Institucional). Sérgio ponderou ainda como oportuno o momento atual, considerando sua recente reeleição. O PDI será fundamentado nas Teses e Diretrizes aprovadas no VIII Congresso Interno e nos Direcionadores Estratégicos do Fórum das Unidades Regionais (FUR). Na oportunidade, o diretor convidou todos os delegados e observadores a participarem efetivamente da elaboração do Plano e a atuarem como incentivadores e mediadores da participação da comunidade do Instituto. Para tanto, informou que será agendada uma nova reunião onde o PGDI apresentará a metodologia de trabalho e um cronograma com as atividades de construção do documento



que, após apreciação e aprovação no Conselho Deliberativo - CD/ILMD, será apresentado em agosto/2018 no FUR, a ser realizado em Manaus. O PDI (2018-2021) - ILMD/Fiocruz Amazônia consiste no instrumento de planejamento, a ser considerado na gestão estratégica nesse período. Ele caracteriza a identidade institucional e é onde estão definidas sua visão de futuro, as estratégias, diretrizes e políticas a serem seguidas para o alcance de seus objetivos e metas. Indica, de modo sistematizado, como o ILMD/Fiocruz Amazônia irá contribuir na construção da Fiocruz do Futuro, a partir das ações de enfrentamento dos desafios e as formas de aproveitamento das oportunidades neste período. Assim, o Plano funciona como um instrumento de planejamento

estratégico na Instituição que deverá nortear a tomada de decisões em todos os níveis (estratégico, tático e operacional) assegurando a prática de uma gestão democrática, responsável e transparente. Segundo o diretor, o comprometimento de todos, tanto da administração superior quanto da comunidade, é requisito básico para que o PDI (2018-2021) - ILMD/Fiocruz Amazônia tenha sucesso.

Desde o início dos trabalhos, quando foi elaborado o diagnóstico institucional ([http://amazonia.fiocruz.br/publicacoes/diagnostico\\_institucional\\_do\\_ilmd.pdf](http://amazonia.fiocruz.br/publicacoes/diagnostico_institucional_do_ilmd.pdf)), a participação foi a força motriz do processo e também será a tônica nas próximas etapas: Consolidação do documento PDI; Implementação e execução; Acompanhamento; e Avaliação.

***Sinergia e participação  
são fundamentais!!***





## NOVOS DOUTORES REFORÇAM QUADRO DA FIOCRUZ AMAZÔNIA

Kátia Lima e Marcílio Medeiros voltaram recentemente do doutorado com estudos importantes para a saúde na Amazônia

### POR

Cristiane Barbosa

### FOTOS

Eduardo Gomes

A preocupação com as condições de saúde coletiva das populações na Amazônia foi um dos enfoques principais de pesquisas realizadas pelos dois novos doutores da Fiocruz Amazônia. A tecnologista em Saúde Pública, Kátia Maria da Silva Lima, e o pesquisador em Saúde Pública, Marcílio Sandro de Medeiros, concluíram a formação acadêmica recentemente, integrando a equipe de 23 servidores com doutorado na instituição. A formação de um doutor é sempre comemorada, pois ainda há uma forte carência de profissionais com esse nível acadêmico de qualificação, em especial no Amazonas. Para a área de

saúde é crucial que cada vez mais haja doutores para impulsionar a pesquisa de ponta, em especial na Amazônia. Ainda nos dias atuais, é difícil explicar para as pessoas a relevância das pesquisas desenvolvidas no âmbito de um doutorado. É importante dizer que muitos benefícios utilizados hoje pelas pessoas como remédios, vacinas e diagnósticos, por exemplo, não brotaram do nada, mas de pesquisas científicas apuradas por cientistas por um longo período de tempo, tal como os dois recém-doutores do ILMF Fiocruz Amazônia, que apresentam importantes conclusões, para problemas percebidos na área da saúde.

Para a Fiocruz, essa conquista potencializa a execução de ações convergentes com a missão institucional: formação de recursos humanos, produção do conhecimento, desenvolvimento tecnológico e inovação para a área da saúde pública, em especial para o SUS. A formação de seus funcionários e colaboradores é considerada como fator de suma importância para o ILMD atuar na Amazônia e no País. Nos últimos anos, o instituto lançou mão de várias estratégias para propiciar a formação de seus colaboradores, tais como o Doutorado em Saúde Pública realizado em consórcio com o Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF), Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) e Fiocruz Pernambuco, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), e o Doutorado Interinstitucional em Ciências realizado, a partir de um consórcio com o Instituto Oswaldo Cruz (IOC). O apoio para formação em Manaus ou a liberação de servidores para cursar doutorado em instituições fora de sede são estratégias do Instituto que mudaram significativamente o nível de formação de seus quadros nos últimos dez anos. Além disso, as

“

Existe uma defasagem na formação de recursos humanos qualificados para a saúde na Amazônia. Portanto, a formação de Mestres e Doutores na área da saúde contribui para diminuição desta defasagem, para a compreensão e resolução

de problemas prioritários de saúde da região e para o fortalecimento do SUS. A partir do doutorado, posso coordenar pesquisas em saúde que possam ampliar a produção de conhecimento na área e contribuir para a formação de recursos humanos para a região, ”

disse Kátia Lima.



oportunidades de formação de alto nível oferecidas pelo ILMD e parceiros vêm beneficiando também outros profissionais da saúde de instituições da região. A recém-doutora concluiu em março deste ano o doutorado em Ciências pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC), no Rio de Janeiro, com o tema ‘Investigação da infecção subclínica por *Neisseria meningitidis* em populações indígenas do Amazonas’. A tese contou com orientação dos professores doutores David Eduardo Barroso e Filipe Anibal Carvalho-Costa. Kátia atua no Laboratório Diversidade Microbiana da Amazônia com Importância para a Saúde (DMAIS) do ILMD. O estudo teve como objetivo investigar a infecção assintomática por *Neisseria meningitidis* em populações indígenas do Amazonas. A bactéria causa Doença Meningocócica (DM), uma enfermidade infecciosa grave, com altas taxas de morbidade e mortalidade no Brasil. Trata-se de estudo inédito com

← *Neisseria meningitidis* ou meningococo são bactérias coccus Gram-negativo (CGN), imóveis e aeróbias que se agrupam aos pares, formando diplococos. São de grande importância clínica pois causam meningite meningocócica, uma grave inflamação das membranas que envolvem o cérebro.

populações indígenas e foi realizado em três aldeias indígenas na região do Rio Madeira, no Estado do Amazonas: Aldeia São Félix (etnia Mura), Aldeia Fronteira (etnia Munduruku) e aldeia Pirahã do Maicí (etnia Mura-Pirahã).

“A infecção assintomática por *N. meningitidis* é muito mais frequente do que a doença invasiva, portanto, o estudo do estado de portador é essencial para respostas preventivas da saúde pública, a conduta e o controle da doença na população, sobretudo para populações indígenas que vivem em áreas de difícil acesso”, explicou Kátia. A pesquisa de doutorado identificou a circulação da bactéria *Neisseria meningitidis* nas aldeias investigadas e, conseqüentemente, a possibilidade da ocorrência de surtos da doença nestas aldeias. O estudo identificou, ainda, dificuldades nas ações de vigilância epidemiológica, em virtude da inexistência de laboratórios de diagnóstico nos municípios de referência contra a doença. Neste sentido, o trabalho pode contribuir para o melhor entendimento da epidemiologia e da ecologia da infecção meningocócica, de modo que medidas de controle possam ser estabelecidas com base em evidências científicas. Para ela, o principal desafio para conclusão da pesquisa foi a realização do trabalho de campo, já que a pesquisa envolveu três etnias indígenas do Estado do Amazonas, uma delas, a etnia Mura-Pirahã, de pouco contato com a sociedade nacional e de difícil acesso. “Havia o receio de estes indígenas se recusarem a participar do estudo. O transporte das amostras era outra preocupação porque precisávamos manter as amostras em temperatura propícia para o crescimento das bactérias, até a chegada no laboratório”, frisou. Após a conclusão de seu trabalho, a expectativa é

de que os resultados sirvam para abrir um debate sobre a importância de se estudar a infecção por *Neisseria meningitidis* em povos indígenas, assim como outras doenças infecciosas causadas por bactérias capsuladas, como *Haemophilus influenzae* e *Streptococcus pneumoniae*. Há ainda a pretensão de se fazer a publicação dos dados encontrados na pesquisa de Doutorado e participar de projetos de pesquisa futuros com essas temáticas, no ILMED. Segundo

“

É possível, a partir de então, fazer uma análise crítica sobre as falhas do sistema de vigilância epidemiológica e da estratégia de imunização contra a doença meningocócica, uma emergência médica que expõe a dificuldade e o desafio para o seu controle em áreas remotas. ”

Kátia, já está sendo discutida com o Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena de Manaus (DSEI/MAO) a inclusão do tema da meningite nos cursos voltados para os agentes indígenas de saúde e demais profissionais de saúde e a elaboração de uma cartilha sobre a doença.

#### ESTUDO DE CASO EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS NA AMAZÔNIA OCIDENTAL

Já o pesquisador Marcílio Medeiros concluiu o doutorado em Direitos Humanos, Saúde Global e Políticas da Vida, coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz e pela Universidade de Coimbra, em Portugal. O tema de sua tese foi ‘Condições de vida e de saúde no contexto de uma

Bactéria que pode causar diferentes doenças infecciosas com complicações graves, como pneumonia, inflamação na epiglote, dor de ouvido, infecção generalizada na corrente sanguínea, inflamação do pericárdio, inflamação das articulações e sinusite. Uma das piores doenças causadas pela bactéria é a meningite.

é uma espécie de bactérias Gram-positivas, pertencentes ao gênero *Streptococcus*, com forma de cocos que são uma das principais causas de pneumonia e meningite em adultos, e causam outras doenças no ser humano.



A PESQUISA APONTA QUE O  
PAÍS AINDA ESTÁ ENTRE  
**AS TRÊS PIORES MÉDIAS**  
DA ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE).



Fonte: CGEE

Unidade de Conservação Ambiental de Uso Sustentável: estudo de caso em comunidades ribeirinhas na Amazônia Ocidental'. No Brasil, a orientação ficou por conta dos professores doutores André Monteiro Costa e Lia Giraldo da Silva Augusto, do Instituto Aggeu Magalhães da Fiocruz Pernambuco, enquanto que a orientação no Centro de Estudos Sociais de Coimbra, em Portugal, foi da doutora Stefania Barca. "Em 2007, mudei-me para o Amazonas para atuar como pesquisador do Instituto Leônidas & Maria Deane, quando iniciamos a coordenação do curso de especialização em Vigilância em Saúde Ambiental, além de produção de pesquisa a partir de uso de dados do Sistema de Informação em Saúde. Essas experiências me aproximaram de várias questões de saúde e ambiente, dentre elas a da minha tese de doutoramento", explicou. O objetivo da pesquisa foi analisar as condições de vida e de saúde, assim como os processos de reprodução social de comunidades ribeirinhas em uma

Unidade de Conservação Ambiental de Uso Sustentável. Marcílio explicou que a política de unidade de conservação ambiental de tipologia de uso sustentável foi criada para conter o acelerado processo de exploração e dilapidação do meio ambiente por meio da preservação de áreas representativas dos biomas naturais, galgadas no conhecimento técnico científico que valorize os saberes locais. Além disso, também é voltada para assegurar as condições e meio necessários para a melhoria das condições de vida das populações que têm seus modos de vida, produção e reprodução social provenientes da exploração dos recursos naturais de baixo impacto. O Amazonas é o segundo Estado da Amazônia Legal em número de Unidades de Conservação (71 UCs, sendo 30 federais e 41 estaduais) e em extensão territorial de UCs (27% da área total do Estado). O ritmo do doutorado de Marcílio, pesquisador vinculado ao Laboratório Território, Ambiente, Saúde e Sustentabilidade (LTASS) do ILMD/

Fiocruz Amazônia, foi intenso com as atividades curriculares dos primeiros 24 meses sendo ofertadas e supervisionadas de forma compartilhada por catedráticos das unidades da Fiocruz do Rio de Janeiro (Escola Nacional de Saúde Sérgio Arouca (ENSP); Instituto de Comunicação e Informação Tecnológica (ICICT), Fiocruz Pernambuco (Instituto Aggeu Magalhães - IAM) e Centro de Estudos Sociais de Coimbra (CES). O programa de doutorado ainda contou com a realização de nove meses de atividades internacionais, em forma de estágio em Portugal, cujo objetivo foi proporcionar ao doutorando uma visão transnacional em saúde global. Ambas experiências, em especial a de residir em Portugal, proporcionaram conhecimentos importantes para a abordagem dos temas de saúde e ambiente. Os desafios foram muitos para a conclusão da pesquisa. Para ele, a realização de uma pesquisa de doutoramento dessa natureza no interior do Estado do Amazonas é constituída de percalços e descobertas que produzem várias novas inquietações, e algumas delas podem surpreender o cidadão mais informado da cidade, como por exemplo, a dificuldade de comunicação via internet ou telefonia com as pessoas e os municípios interioranos do Estado.

“Esses serviços funcionam de forma limitada para moradores e gestores das secretarias municipais de saúde, enquanto que para os moradores das zonas rurais eles inexistem por completo. Assim sendo, passamos meses tentando contato por telefone, pela internet ou pessoalmente para a apresentação do Projeto e a anuência dos sujeitos da pesquisa, o que ocasionou horas de trabalho além do esperado e um custo mais elevado para o desenvolvimento do estudo”, revelou Marcílio. A pesquisa seguirá com o seminário intitulado ‘As condições

de vida e de saúde no contexto da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM)’, que tem como objetivo discutir a atual situação de saúde dos povos e comunidades que vivem e trabalham na RDSM. O evento está previsto para acontecer no segundo semestre de 2018.

“

**Esperamos contribuir com a formação de massa crítica nos programas de pós-graduação do ILMD e de outras instituições do País, pontuou o pesquisador. ”**

Marcílio Medeiros, doutor em Direitos Humanos, Saúde Global e Políticas da Vida.



A pesquisa contou com apoio de uma bolsa de pesquisa de doutorado da Fapeam, essencial para custear a logística da pesquisa. No cenário nacional, nas últimas cinco décadas houve mudanças substanciais na estrutura da pós-graduação. Um estudo do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), organização social supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), revelou que, entre 1996 e 2014, o número de doutores no Brasil aumentou 486%. Mesmo com o cenário de evolução, a pesquisa aponta que o País ainda está entre as três piores médias da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).



## MARIDO COM FEBRE

POR

*Marcus Vinícius Guimarães de Lacerda*

*Marcus Vinícius Guimarães de Lacerda é médico e doutor em Medicina Tropical pela Universidade de Brasília, especialista em saúde pública do Instituto Leônidas & Maria Deane e médico da Fundação de Medicina Tropical Dr. Heitor Vieira Dourado.*



A luta contra a malária, que já me acompanha há quase 20 anos, foi cheia de desafios e estórias. Hoje, com a inclusão digital, mesmo na Amazônia, a gente conversa mais com as pessoas pelas redes sociais e pelo Whatsapp. Toda semana, pelo menos uma meia dúzia de técnicos me liga para tirar dúvidas sobre o manejo de pacientes e contar estórias de pacientes curiosos. Com a nova revolução na forma de comunicação, passei a viajar menos pelo interior do estado do Amazonas, onde aprendi, em campo, mais sobre as pessoas, sua cultura, e como lidam com suas mazelas. A verídica estória que se segue aconteceu em uma das muitas viagens que fiz ao Município de São Gabriel da Cachoeira, no extremo noroeste do estado, a fim de avaliar os fatores para o brutal aumento do número de casos de malária. Ainda jovem e inocente, como costumam ser os pesquisadores no início de suas carreiras, deparei-me com uma situação no mínimo curiosa. Ao tentarmos estratificar as áreas de maior concentração

de casos da doença, elegemos dez delas como áreas de altíssimo risco, ou seja, com grande número de casos em relação à população da localidade, durante o período de um ano. Conhecemos essa medida como IPA, que significa *Incidência Parasitária Anual*. Nestas áreas, principalmente, as estratégias de controle devem ser reforçadas, porque dali emigram casos para outras áreas de menor endemicidade. A doença é transmitida pela fêmea do mosquito do gênero *Anopheles*, principalmente no horário noturno, quando estes mosquitos procuram o sangue humano. O sangue é utilizado para o amadurecimento dos ovos da fêmea, motivo pelo qual só ela é sugadora de sangue, e não o macho. Bem, perdoem-me tantas colocações técnicas, mas elas são fundamentais para a compreensão do bojo da narrativa.

Dentre estas localidades com altas incidências de malária, no entanto, havia uma que chamou a atenção de todos os presentes na sala de reuniões. Tratava-se da localidade de Boca Rica, localizada na Estrada para Cucuí, um dos acessos para a Venezuela. Algo de muito estranho estava acontecendo ali, já que a população estimada pelo censo era de apenas oito habitantes, no entanto, com mais de 300 casos de malária registrados só no ano de 2002. Se aqueles dados eram verdadeiros, isso correspondia a cada pessoa ter tido malária em média 40 vezes no ano, ou seja, quase três episódios de malária por pessoa por mês, o que seria tecnicamente impossível, a menos que ninguém estivesse se tratando, o que não parecia ser o caso. Um dos participantes da reunião, de forma muito tímida, disse que a explicação para o fenômeno estava no fato de ser a localidade uma área de trânsito para alguns moradores do município.

Bem, parte do mistério epidemiológico estava resolvida, na verdade, os casos registrados não habitavam a localidade, mas procedia dali a infecção, para fins de registro no sistema de informação. Isto quer dizer que as pessoas pegavam malária em Boca Rica, mas moravam em outro lugar. Na hora do preenchimento da ficha de notificação da malária, então, o endereço que contava era o de Boca Rica. Algumas pessoas, involuntariamente, não continham o riso e começaram a murmurar baixinho qualquer coisa que eu não ouvia. Um deles, percebendo minha angústia, resolveu se pronunciar: “O doutor sabe o que é que tem lá na Boca Rica?” Neguei com a cabeça, meio impaciente, ao que ele me respondeu de forma direta, antecipando o coro de gargalhadas na sala: “Um puteiro, doutor”.

A explicação era muito simples: muitos dos homens da cidade saíam logo no início da noite para a casa de tolerância, permanecendo na companhia das profissionais do sexo, próximos aos igarapés da estrada, exatamente durante o horário de repasto do mosquito. Acho que nem é preciso comentar quem eram as oito habitantes da localidade, não é?

O pior de tudo é que a estória se espalhou e muita gente ficou sabendo que se pegava malária lá pros lados da Boca Rica. Teve muito pai de família sério, morador do centro da cidade (onde não tem malária), que apareceu com febre e teve que dar explicação pra esposa depois de confirmar o exame da gota espessa pra malária. Acho que todo interior tem o seu charme, particularmente por essas e outras estórias. O interior do Amazonas agora tem mais um: malária virou infecção sexualmente transmissível!





# CONGRESSO INTERNO DA FIOCRUZ APROVA A TESE AMAZÔNIA



POR

Marlúcia Seixas

FOTOS

Peter Illiciev e Marlúcia Seixas

“ *A Amazônia é um dos pontos centrais no debate internacional e tem mobilizado a comunidade mundial a partir de diversas temáticas capazes de influenciar diretamente as decisões governamentais no País. A consciência de que a Amazônia é estratégica para a humanidade é um fato. A Fiocruz tem uma oportunidade ímpar de ser o agente catalisador nacional e internacional da geração de conhecimento e inovação em saúde reforçando o seu papel estratégico.* ”

Com essa premissa, a delegação do Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD/ Fiocruz Amazônia) submeteu ao VIII Congresso Interno da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) uma tese, que foi aprovada pelos delegados. A tese da Amazônia, como foi por diversas vezes chamada, não se fechou no bioma, mas no reconhecimento de que a região é importante para a

humanidade e estratégica para a Fiocruz. Foi a primeira vez que a unidade da Fiocruz no Amazonas apresentou uma tese em um Congresso Interno. A propositura, antes de sua submissão, foi amplamente discutida pelos trabalhadores do ILMD, que no texto fizeram constar suas ideias e vivências em saúde na região amazônica. Até a aprovação da tese da Amazônia, as

diretrizes inicialmente propostas foram exaustivamente debatidas pelos grupos e delegações e receberam inúmeras contribuições, que ratificaram a importância da Amazônia no contexto institucional, nacional e internacional. Sérgio Luz, diretor do ILMD/Fiocruz Amazônia, observou que a tese da Amazônia é uma proposta para a Fiocruz e não apenas para as unidades do Amazonas e de Rondônia. A Amazônia, além da sua importância para o brasileiro

“

A Fiocruz reconhece a importância geopolítica da Amazônia para o Brasil, bem como a necessidade da sua atuação em saúde nesse território. Então, essa tese traz grandes benefícios para a Fiocruz e suas unidades na Região, que podem ser portas de entrada de todo o sistema Fiocruz de ciência, tecnologia, educação e inovação(...). ”



Sérgio Luz, diretor do  
ILMD/Fiocruz Amazônia

e para toda a humanidade, abriga diversas questões relevantes para o mundo inteiro, como a água, as fronteiras, a preservação e outras que podem impactar o planeta”. Ricardo Godoi, diretor da Fiocruz Rondônia e um dos defensores da tese da Amazônia, reforçou que o trabalho da Fiocruz na Amazônia tem uma dinâmica própria, o

que leva as unidades do Amazonas e de Rondônia a atuarem, na maioria das vezes, em cooperação com outras instituições da Região, especialmente em importantes projetos de tecnologia e inovação em saúde. Para o ex-presidente da Fiocruz, o médico e pesquisador Paulo Gadelha,

“

a aprovação da tese da Amazônia é muito importante, pois, apesar da relevância e significação da região, a Amazônia tem sido muitas vezes colocada numa situação opaca, ou seja, fala-se muito, produz-se muita retórica, mas não se tem programas consistentes de projetos em desenvolvimento, que levem em conta, de uma maneira profunda, toda a capacidade existente na região. ”



Paulo Gadelha, médico  
e pesquisador,  
ex-presidente da Fiocruz

Gadelha reforça sua opinião lembrando-se ainda dos objetivos e metas da Agenda de Saúde Sustentável para as Américas 2018-2030, inspirada na Agenda do Desenvolvimento Sustentável 2030, das Nações Unidas, que trazem grandes



expectativas, “incluindo a cobertura universal em saúde, o enfrentamento de enfermidades transmissíveis e não transmissíveis e um conjunto de outros objetivos, portanto, deixar a Amazônia sem um olhar específico implicaria certamente em não pensar de uma maneira mais global e integrada dos componentes fundamentais em que a Fiocruz atua”.

### **O QUE É CONGRESSO INTERNO DA FIOCRUZ?**

O Congresso Interno é o órgão máximo de representação institucional da Fundação Oswaldo Cruz. Foi implantado em 1988, durante a gestão do médico sanitariano e pesquisador Sergio Arouca. Ao congresso compete deliberar sobre assuntos estratégicos relacionados ao macroprojeto institucional, sobre o regimento interno, sobre propostas de alteração do estatuto e sobre matérias que possam interferir nos rumos da Fundação. O congresso acontece a cada quatro anos, no primeiro ano de cada nova gestão da presidência da Fiocruz. Em sua oitava edição, o Congresso Interno teve como tema ‘O futuro do SUS e da democracia’ e aconteceu no período de 11 a 14/12/2017, no campus da Fiocruz, em Manguinhos, no Rio de Janeiro.

Para sua realização, foi elaborado um documento-base, amplamente discutido pelo Conselho Deliberativo da Fiocruz, bem como pelos trabalhadores de todas as suas unidades. Por sua vez, nas unidades aconteceram debates sobre o documento e eleições para escolher seus representantes nas plenárias.

A edição de 2017 se diferenciou das anteriores especialmente por contar com a participação de observadores externos, dentre esses o Conselho Gestor do Projeto Teias, o Museu da Maré, a Rede de Observatórios de Manguinhos, o Conselho Comunitário de Manguinhos, o Conselho Nacional de Saúde e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), bem como a representação dos estudantes.

A delegação do ILMDFiocruz Amazônia foi composta por 7 delegados (Rodrigo Tobias de Sousa Lima, Anízia Aguiar Neta, Cláudia Maria Rios Velásquez, Aldemir Lima Maquiné, Claudio de Oliveira Peixoto, Priscila Ferreira de Aquino e Sônia de Oliveira); 1 suplente (Carlos Fabrício Marques da Silva) e 2 observadores (Marizete Vieira Duarte e Elisângela Virginio Lima Bieler), além do diretor Sérgio Luz. Ao todo, o VIII Congresso reuniu 301 delegados representando suas unidades, além de observadores internos e externos.



## PONTOS DE VISTA

”

*Maria Virgínia Marques Peixoto – do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz).*

“O que me chamou atenção foi como o grupo teve um entendimento muito mais maduro do que é um trabalho colaborativo. Essa coisa de colaborar, compartilhar e construir no coletivo foram diferenciais deste congresso, em relação aos Congressos Internos anteriores”.

*Cristiana Ferreira Alves de Brito, pesquisadora e vice-diretora de Ensino da Fiocruz Minas.*

“Acho que neste Congresso o trabalho fluiu muito bem e prevaleceu o espírito cooperativo. Houve uma boa interação entre os membros, o que criou um compartilhamento que foi muito produtivo para todo o grupo”.

*Fabio Russomano, vice-diretor de Ensino do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF)*

“Conseguimos chegar às conclusões por consensos. As contribuições traziam conceitos novos que colaboraram para o enriquecimento das diretrizes. Acho que esse trabalho foi muito produtivo e todos com o mesmo espírito de chegar a um resultado satisfatório para a instituição”.

*Cláudio Peixoto, da Fiocruz Amazônia*

“Sucesso é a palavra que reflete o momento da aprovação da tese da Amazônia”.

*Sônia Oliveira, da Fiocruz Amazônia*

“Gostei muito de poder ter participado deste congresso, foi muito enriquecedor. Cada momento ficará marcado na memória, no coração e na história, com a aprovação da Tese da Amazônia”.

”



***Claudia Ríos, da Fiocruz Amazônia***

“O primeiro sentimento com a aprovação da tese da Amazônia é de satisfação, por termos, pela primeira vez, conseguido aprovar uma tese. Isso é fundamental. Daqui para frente, temos que analisar tudo que foi discutido e aprovado e começar a planejar o que vamos fazer para alcançar o que foi proposto. Vamos ter que trabalhar muito e contar com o comprometimento de todos, para atender às diretrizes aprovadas”.

***Priscila Aquino, da Fiocruz Amazônia***

“O Congresso Interno da Fiocruz foi uma oportunidade única de imergir na política institucional e discutir os direcionamentos que guiarão os próximos 4 anos da instituição. Acredito na necessidade de a Fiocruz reforçar seu papel estratégico na Amazônia”.

***Anízia Aguiar, da Fiocruz Amazônia.***

“Estou feliz e agradecida. Feliz por ter tido, finalmente, a oportunidade de participar do Congresso Interno da Fiocruz, com toda a riqueza que ele contém. Foi lindo ver a defesa das teses e o conteúdo delas, sempre interessadas na equidade, na justiça e no bem estar social, buscando garantir que a Fiocruz mantenha sua capacidade de continuar atuando como instituição de Estado”.

***Rodrigo Tobias, da Fiocruz Amazônia***

“O sucesso do congresso foi brindado com nossa tese amazônica aprovada. Isso foi fruto do trabalho de todos, desde a gestão, que trouxe a causa como possibilidade, a construção da tese, a discussão de grupos ainda em Manaus, a eleição dos delegados, a nossa atuação coordenada, colaborativa e solidária no ato da participação dos grupos no Rio de Janeiro, e a aprovação da plenária final do congresso. Isso significa mais trabalho, mais responsabilidade e empenho em aproximar a Fiocruz da sociedade e canalizar esforços das outras unidades, para a nossa realidade amazônica. Considero a Amazônia a principal fronteira científica do Brasil e, sendo assim, vamos fazer jus à nossa missão institucional na Região”.

***Aldemir Maquiné, da Fiocruz Amazônia***

“Esse congresso me remeteu há 15 anos, quando participei pela primeira vez de um Congresso Interno da Fiocruz. Cada Congresso é único. Nesta edição, no meu grupo de trabalho, nós tivemos ao nosso lado pessoas que desenvolvem trabalhos na Amazônia e que entenderam a tese da Amazônia, como uma proposta estratégica da Fiocruz. A aprovação dessa Tese mostra a maturidade do ILMD/Fiocruz Amazônia na sua propositura, e da Fiocruz por perceber a importância estratégica da Região”.



“

Água que leva, água que lava.  
Água que arranca, água que entrega,  
que avisa lá de longe que já vem chegando.  
Água que se despenca em cachoeira  
Água que roda no rebojo, redemoinho, sumiu,  
Anoitece traiçoeira e engole a canoa.  
Água sobre água rolando barrenta,  
Água da enchente subindo pelo barranco,  
Encharcando as raízes dos verdes da várzea.  
Água que amanhece se deitando fatigada  
Sussurrando as sílabas da seca,  
E de repente volta, em repiquete,  
inaugurando fios de água  
nova no chão da mata (...)

”

Extraído da poesia  
'As tantas águas da água amazônica',  
de **Thiago de Mello**.



Acesse a  
página do  
Lahpsa e veja  
mais



## TERRITÓRIO LÍQUIDO: SAÚDE SOBRE AS ÁGUAS

Pesquisadores da Fiocruz Amazônia investigam como ocorre o acesso e cuidado da saúde de ribeirinhos na UBS Fluvial Igarapu, em Borba-AM

### POR

Cristiane Barbosa

### FOTOS

Divulgação e Eduardo Gomes

O movimento das águas expresso pelo poeta consagrado Thiago de Mello no trecho da poesia 'As tantas águas da água amazônica' revela um pouco do ritmo da vida do homem amazônida regido pelo **ciclo das águas**. O cenário da várzea, das águas, rios, igarapés, paranás, lagos e a vida do ribeirinho que organiza seu cotidiano e se relaciona nesse ambiente traz desafios para elaboração de políticas públicas em diversas áreas tais como saúde, educação, habitação, infraestrutura, etc.

← O ciclo das águas é dividido em cheia, que inicia com as chuvas de novembro e segue até o mês de julho, quando as águas começam a descer; e a seca que inicia a partir de agosto, com menos chuvas, e pode se estender até janeiro, com o início da cheia.

Atento à vida nesse **'território líquido'**, um grupo de pesquisadores do Laboratório do Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD/Fiocruz Amazônia) analisa o caso da embarcação Igarapu (do tupi-guarani, canoa grande), que funciona como **Unidade Básica de Saúde Fluvial (UBSF)** no município de Borba, a 215 km de distância (via fluvial) e 150 km de Manaus em linha reta (atravessando a floresta), como um exemplo inovador de adequação de uma política no lugar onde ela é implementada.

← São embarcações que comportam Equipes de Saúde da Família Fluviais (ESFF), providas com a ambiência, mobiliário e equipamentos necessários para atender à população ribeirinha da Amazônia Legal.

← No cenário de território líquido, o rio não é um divisor-delimitor do espaço, como para a geografia física, mas sim elemento que faz a conexão e a ligação entre pessoas, serviços, instituições.





Assista e  
saiba mais  
sobre a UBSF  
Igarapu



A 'Igarapu' serviu de base para discussão na revisão da Política Nacional de Atenção Básica em 2012. "A adoção de Unidade de Saúde Fluvial parece ser estratégia adequada para aumento da cobertura na atenção básica em territórios com características semelhantes à várzea amazônica", pontuou a pesquisadora em Saúde Pública, Michele El Kadri, do Laboratório de História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia (Lahpsa) do ILMD/Fiocruz Amazônia. Segundo os pesquisadores do Lahpsa - ILMD/Fiocruz Amazônia envolvidos nos estudos, os serviços de saúde, via de regra, são pensados pela

política e pelos gestores em termos de territórios fixos, por isso levantam a questão de que para responder às necessidades e aos problemas de saúde é necessário pensar uma densidade e uma materialidade que seja móvel, que siga o fluxo das águas. "Não podemos esquecer que uma parte significativa da Amazônia é constituída por uma imensa rede de rios, lagos, paranás e igarapés, que se modificam com o ciclo das águas, entre a cheia e a seca, moldando o acesso móvel e os próprios profissionais de saúde nestes territórios", destacou o pesquisador Júlio Cesar Schweickardt, chefe do Lahpsa.

O pesquisador do Lahpsa/ILMD/Fiocruz Amazônia, Rodrigo Tobias, doutor em Saúde Pública, informou que o laboratório está desenvolvendo uma categoria analítica de políticas públicas chamada 'território líquido'. "Não é líquido como supõe o filósofo Zigmund Bauman, pois a ideia não é a liquidez das relações, mas a concepção do líquido enquanto físico, onde o território que pertence ao mundo das águas transita nas cheias e nas secas e que isso interfere no acesso aos serviços de saúde e proporciona necessidades de saúde diferenciadas. Desse modo, estamos estudando o fenômeno de mobilidade a partir da perspectiva da liquidez", explicou ele.

Nesse sentido, Tobias diz entender que, de certo modo, ao navegar pelas águas fluviais, adaptando trajetos, dinâmicas de serviço, horários de trabalho, ou seja, sua existência de acordo com regimes das águas, a UBSF faz o caminho das pessoas, percorrendo rios e as comunidades ribeirinhas para fazer saúde.

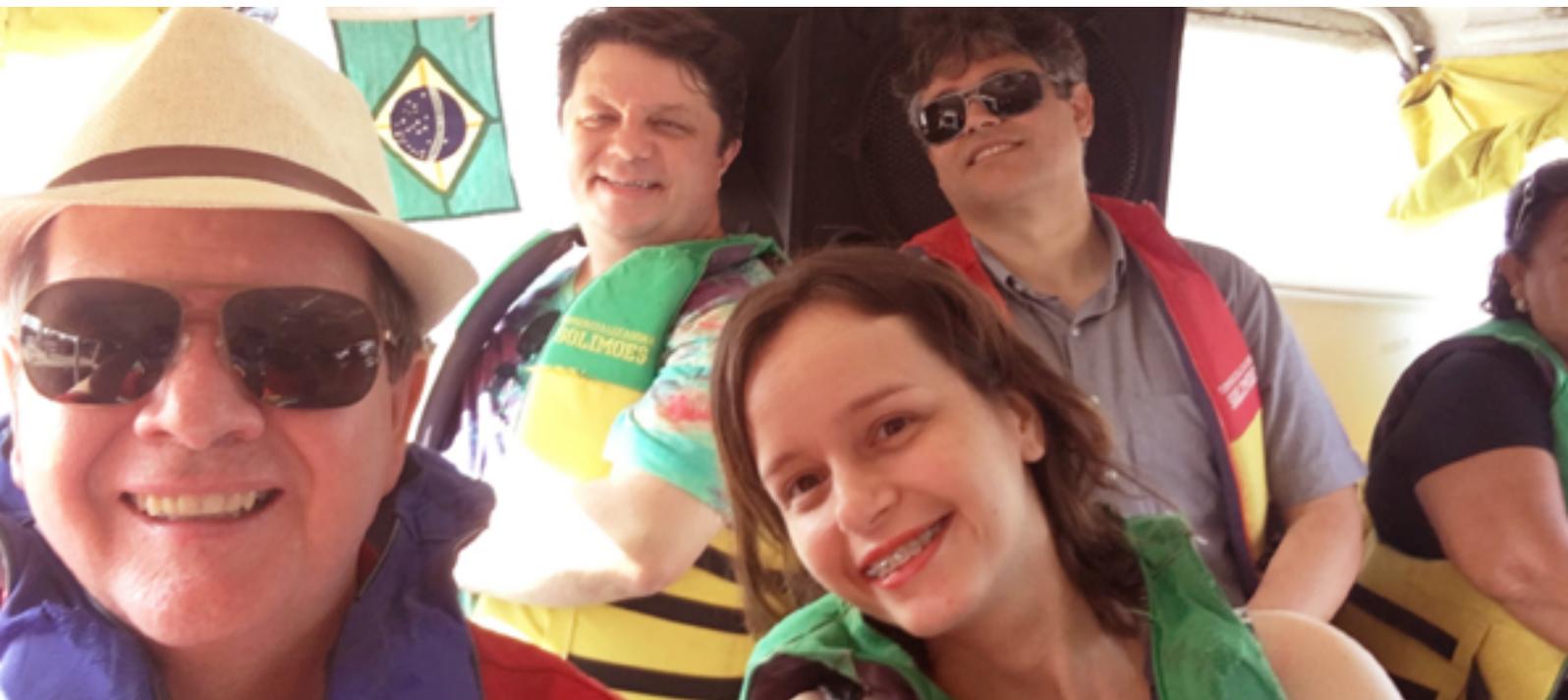
"A gente busca entender que a política pública, que é pensada lá nos gabinetes do Ministério da Saúde, não é necessariamente adequada à região e precisa ser moldurada a esse contexto

“

Não podemos esquecer que uma parte significativa da Amazônia é constituída por uma imensa rede de rios, lagos, paranás e igarapés, que se modificam com o ciclo das águas, entre a cheia e a seca, moldando o acesso móvel e os próprios profissionais de saúde nestes territórios. ”

Júlio Cesar Schweickardt, doutor em História da Ciência e chefe do Lahpsa/ILMD

específico. Essa missão é do ILMD, que faz uma leitura dessas políticas públicas e de que forma elas são melhores apropriadas para esse contexto da Amazônia e a gente está fazendo isso para a Política Nacional de Atenção Básica", declarou ele. O pesquisador destacou ainda que esse é um modelo que num primeiro momento é caro, mas que em médio e longo prazos se torna barato, pois dá acesso à atenção inicial aos ribeirinhos. Sem o atendimento básico nas comunidades, eles só se deslocam de onde moram até a sede dos municípios, nos casos de urgência e emergência.



“

O modelo de UBS em médio e longo prazos reduz o número de pacientes de urgência e emergência que procuram as sedes dos seus municípios e evita a transferência para Manaus.”

Rodrigo Tobias, pesquisador doutor em Saúde Pública do Lahpsa/ILMD

A resolutividade desses casos geralmente é em Manaus, então o município gasta com o traslado desse paciente com um acompanhante e ainda paga as diárias para custeio das despesas. Quando o período de espera para atendimento é estendido, o custo do tratamento fica ainda maior e ainda existe a possibilidade de recorrência de ir e voltar várias vezes. “O modelo de UBS em médio e longo prazos reduz o número de pacientes de urgência e emergência que procuram as sedes dos seus municípios, evita a transferência para Manaus, que ocorre por falta de assistência, e também reduz os custos”, revelou Tobias. A pesquisadora do Lahpsa - ILMD/Fiocruz

Amazônia, Michele El Kadri, por sua vez, disse que investigar as territorialidades que há em um ambiente de várzea consiste em compreender um lugar que existe e é organizado na mobilidade e fluidez.

“

O constante movimento desse lugar tão dinâmico tem um significado importante para pensar organização e planejamento do sistema de saúde na Amazônia.”

Michele El Kadri, pesquisadora em Saúde Pública do Lahpsa/ILMD

A forma de atuação da UBSF no Amazonas é analisada e profundamente estudada pelo Lahpsa - ILMD/Fiocruz Amazônia, em rede, envolvendo desde a iniciação científica, mestrado e até o doutorado. Michele El Kadri, por exemplo, está finalizando uma Especialização em Economia da Saúde pela Universidade Federal de Goiás e já desenvolve uma pesquisa sobre a viabilidade financeira das UBSF comparada a uma unidade



padrão. A pesquisadora deverá, em breve, ingressar no doutorado com um projeto voltado para essa temática. “Como as características desse território marcam o acesso das pessoas à saúde? Como as pessoas acessam os outros serviços de que elas precisam após o atendimento na UBSF? A atenção básica tem limite até um ponto e depois? Como acessam um especialista? Como acontece? É um caso de ter um serviço de atenção especializada fluvial também?”, questionou ela como alguns pontos de partida para a pesquisa. Os pesquisadores do Lahpsa - ILMD/ Fiocruz Amazônia entendem, a partir dos estudos exploratórios sobre o tema, que “as políticas de saúde necessitam de um olhar mais atento para essas realidades específicas, impactando sobre a qualidade dos serviços e os processos de trabalho das equipes de saúde. Diante dessa outra lógica de organizar o tempo e de conceber o território, temos que pensar também em outra racionalidade para as políticas no campo da saúde na Amazônia”. Agora, após a descrição do modelo da UBSF, o laboratório pretende continuar os estudos e projetos com a avaliação desse sistema e apontar estratégias. “No sentido de dizer: esse território é diferente e precisa de estratégias diferentes de lidar para e gerar políticas públicas de saúde coletiva”, explicou. “Dizem que na Amazônia tudo é longe. Não é o território que tem de se adequar à política, mas a política que tem de atender as pessoas, é um sentido inverso. Longe é um lugar onde as políticas públicas não chegam adequadamente”, declarou Kadri.



## PROJETO REDES VIVAS E TERRITÓRIO NA AMAZÔNIA

Um dos projetos que estão em fase de desenvolvimento é o 'Redes vivas e Território na Amazônia: um estudo avaliativo sobre a integralidade dos serviços e a equidade do acesso na Unidade Básica de Saúde Fluvial em Borba, Amazonas', que conta com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio do edital Universal. O trabalho está sendo desenvolvido pela mestranda do Programa de Pós-Graduação em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia (PPGVIDA) do ILMD/Fiocruz Amazônia, Brena Silva dos Santos, orientada pelo pesquisador Júlio Cesar Schweickardt, doutor em História das Ciências e chefe do Lahpsa - ILMD/Fiocruz Amazônia.

O objetivo do projeto é entender como se operacionaliza no território tal estrutura, assim como avaliar a UBSF em relação à equidade no acesso da população ribeirinha. Para este estudo, será utilizada uma combinação de estratégias. De acordo com a proposta, a pesquisa utilizará na primeira etapa o método etnográfico - para descrição e melhor compreensão do contexto de atuação da UBSF; elaboração de fluxogramas - para descrição dos processos de trabalho da equipe junto a usuários como forma de caracterizar a rede de cuidado e assistência e itinerários terapêuticos.

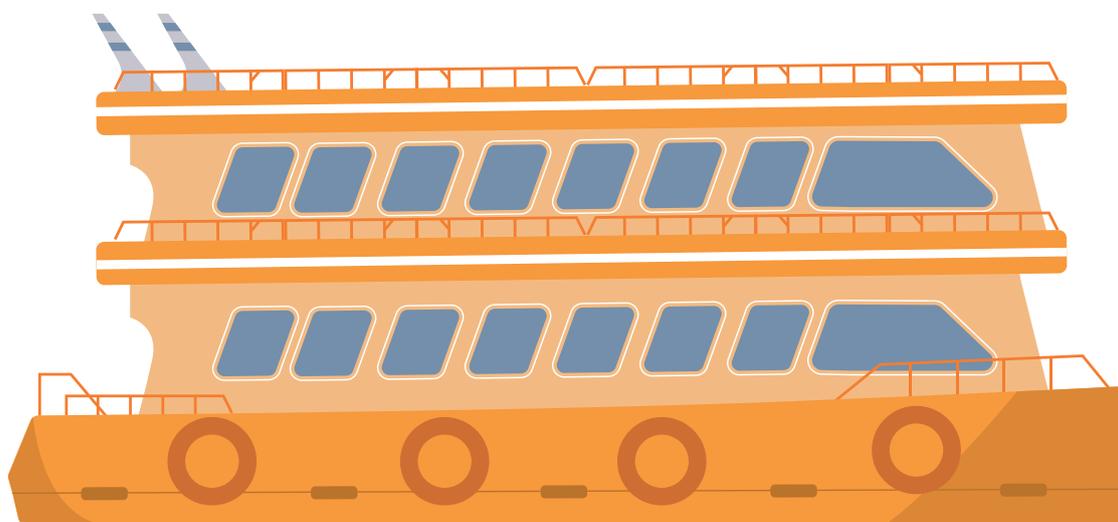


Já na segunda etapa serão realizadas entrevistas com usuários, profissionais de saúde e a gestão municipal. O roteiro de entrevistas inclui as dimensões: disponibilidade, viabilidade financeira e aceitabilidade. A ideia é de que a pesquisa auxilie na gestão da Unidade e da Atenção Básica no município, dando subsídios para qualificação deste modelo inovador de assistência em saúde para a população distribuída nesse território líquido.



## Sobre a UBSF Igarapu

Com um custo total para construção de **R\$ 1,8 milhão**, a UBSF Igarapu oferece o atendimento a **3.400 famílias** em Borba. "Em uma unidade fixa, considerada infinitamente mais barata que a fluvial, talvez não tivesse essa cobertura, pois a população está espalhada naquele território. No modelo fluvial, é possível assistir todo mundo porque a UBSF vai até onde as pessoas estão", pontuou Kadri. Além disso, Kadri destacou que há a gestão do cuidado, pois a equipe vivencia na pele a dificuldade de cada pessoa, já que a equipe passa de 20 a 22 dias embarcada.



Na ocasião do lançamento da Igarçu, em 2013, o ex-ministro da Saúde, Alexandre Padilha, disse que com as UBSF as comunidades ganhariam em agilidade e qualidade de vida e destacou que as populações da Região Amazônica necessitavam de uma política diferenciada. “Muito se fala em preservar a Amazônia. A melhor maneira de fazer isso é assegurar que milhões de brasileiros e brasileiras que vivem em suas comunidades, sobretudo as mais remotas, tenham qualidade de vida”, disse o então ministro à imprensa, na época. A experiência de levar cuidados de saúde por meio de barcos pelos rios da Amazônia não é nova na região, pois já vem sendo utilizada há alguns anos por municípios, estados, organizações não-governamentais e mesmo pelas Forças Armadas Brasileiras. De acordo com a pesquisa do Lahpsa, nessas iniciativas há duas formas de prestar cuidado: “uma que, apesar de prestar serviços de média complexidade, adota uma estratégia campanhista com mutirões

de atendimento especializado e com menor necessidade de seguimento ambulatorial (como por exemplo cirurgias eletivas ou tratamentos odontológicos); e outra com serviços básicos que, apesar do atendimento com equipamentos de menor densidade tecnológica, atende a população de maneira contínua e sob o paradigma da promoção da saúde”. A UBSF Igarçu contou com financiamento do Ministério da Saúde e uma modesta contrapartida do município. A viagem inaugural ocorreu em 2013 e hoje atende 23 comunidades ao longo do Rio Madeira e seus afluentes em uma viagem que leva 20 dias. A equipe dessa unidade, além dos profissionais que compõem o quadro da Estratégia de Saúde da Família, conta ainda com seis tripulantes: comandante, marinheiro fluvial, ajudante de convés, arrais (responsável pelas máquinas), copeira e auxiliar de serviços gerais. Os doze Agentes Comunitários de Saúde (ACS) que integram a equipe têm papel central no acompanhamento dos

pacientes durante os 40 dias de intervalo entre uma viagem e outra, com atenção especial a grávidas, crianças abaixo 5 anos e adultos com doenças crônicas. Os ACS são provenientes das comunidades ribeirinhas que assistem. A Unidade tem 24 metros de extensão divididos em dois andares, sendo o primeiro andar para atendimento da população com todos os serviços de uma UBS, incluindo laboratório para análises de menor complexidade, e o segundo andar é destinado para acomodação da equipe. O atendimento se inicia às 7h até o último paciente, quando a embarcação segue para a comunidade a ser atendida na manhã seguinte.

A UBS Fluvial oferece consultas de pré-natal e puericultura (acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de crianças), odontológicas, clínica geral e atendimentos de enfermagem, além de serviços como inalação, vacina e exames laboratoriais básicos. A unidade conta também com ambiente para armazenamento e dispensação de medicamentos, cabines com leitos para toda a equipe de atendimento embarcada, cozinha e outros espaços.

Além da unidade de Borba, há outras 20 UBSF em diversas fases de implementação e funcionamento em municípios do Amazonas e do Pará, no entanto com padrão diferente da infraestrutura da Igaráçu, tal como tamanho e modelo.

A previsão inicial do Ministério da Saúde era de financiamento para construção, compra de equipamentos e custeio de 63 UBS Fluviais para Amazônia e Pantanal. Os municípios com interesse em solicitar o recebimento do incentivo financeiro para construção de UBSF devem verificar, junto ao Ministério da



Saúde, a previsão de abertura de cadastro de propostas para programa, emendas parlamentares ou convênios. O valor de incentivo mensal de custeio para as UBSF é repassado do Fundo Nacional de Saúde aos Fundos Nacional de Saúde, independentemente do número de equipes. No site <http://dab.saude.gov.br> é possível acessar os detalhes.

### **CASOS COMPLEXOS: CUIDADO INDIVIDUALIZADO**

A UBSF Igaráçu já permitiu atendimento a casos complexos em comunidades ao longo do rio Madeira. Foi o caso da jovem de 23 anos denominada por K, moradora das encostas do rio Madeira, na Comunidade do Alexandre. Ela foi diagnosticada com hanseníase na sua terceira gravidez, tendo o tabagismo como hábito e um sangramento vaginal como risco real de complicações maternas e fetais. A usuária é cadastrada e acompanhada pela equipe da unidade fluvial. Este caso foi ponto de partida



para produção científica intitulada 'A produção do cuidado no "longe muito longe": a Rede Cegonha no contexto ribeirinho da Amazônia', descrito por um grupo de pesquisadores do Lahpsa/ILMD Fiocruz Amazônia e gestores da Secretaria Municipal de Saúde de Borba, composto por: Nicolás Esteban Heufemann, Júlio Cesar Schweickardt, Rodrigo Tobias Lima, Lysandra Farias e Tátia Lamara Moraes. "Pensamos que a área ribeirinha nos daria uma boa oportunidade para pensar em como é fazer saúde no interior do Amazonas, mas também nos daria a oportunidade de nos aproximarmos da realidade das pessoas e dos profissionais que fazem a saúde por meio da Unidade Básica de Saúde Fluvial - UBSF", explicam no texto sobre o levantamento realizado em 2015, durante a Conferência Municipal de Saúde. Para o relato e pesquisa registrados no artigo, os pesquisadores realizaram entrevistas abertas com a equipe da UBSF Igarazu: médico, enfermeira, técnica de enfermagem, agente comunitário de

saúde (ACS), gestão, família e a usuária K (denominada assim na pesquisa para ter preservada sua identidade).

Foram observados aspectos inerentes à região, como questões relacionadas à falta de combustível para locomoção da usuária até o serviço de atendimento e situação econômica da mesma. "Foi tudo bem articulado, conversei com a secretária de saúde se ela poderia viabilizar o combustível e ela concordou até o final da gestação, então a gente fez um acordo com a paciente que ela receberia um valor determinado para combustível: a gente deixava lá durante a passagem da UBSF e ela se deslocava para Borba a fim de receber a medicação supervisionada e fazer o exame pré-natal com aginecologista", disse um profissional da equipe do Igarazu entrevistado pelos pesquisadores. Segundo os autores do artigo, a equipe de saúde protagonizou o cuidado numa situação limítrofe das necessidades essenciais à própria vida, o da fome. "O cuidado foi gerado quando a equipe saiu do enfoque biomédico e pôde pensar a situação de K como uma vida que lhes importava e que por isso precisava ser entendida e preservada".

A própria K relatou na entrevista aos pesquisadores, de forma divertida, os cuidados da equipe, em especial do ACS. "(...)se fosse preciso ele taria aqui todos os dias, pra ver se eu tava tomando o remédio...e quando era para tomar as duas pílulas, uma vez ele ainda mandou eu abrir a boca pra ver se eu tinha engolido mesmo...não é nem criança (risos)". Uma das características observadas, durante essa viagem pelos pesquisadores do Lahpsa, foi de que a equipe de saúde multiprofissional da UBSF tem uma relação muito próxima com os usuários, proporcionando o cuidado diferenciado.

“O cuidado à saúde desenvolvido no território amazônico tem o desafio da diversidade social e cultural, fazendo com que os trabalhadores da saúde sejam também intérpretes da cultura. Além disso, o itinerário do Igarçu permite a proximidade com os modos de vida da população”, apontam na análise.

### EQUIPE DE SAÚDE DA FAMÍLIA FLUVIAL

A equipe que atua na embarcação (UBSF) é composta, minimamente, por um médico, um enfermeiro, um técnico de saúde bucal e um bioquímico ou técnico de laboratório. Para garantir a maior qualidade do cuidado e resolutividade, considerando a especificidade territorial da população ribeirinha que a torna singular, o município pode solicitar a ampliação da equipe com profissionais. Além disso, há a possibilidade de solicitar custeio para apoio logístico (unidade de apoio/satélites e embarcações de pequeno porte para transporte exclusivo de profissionais), conforme infográfico a seguir:

01

Auxiliar  
técnico  
bucalaté  
24Agentes  
comunitários  
da saúde

até

11

Auxiliares  
técnicos de  
enfermagem

até

12

Microscopistas,  
nas regiões  
endêmicas

até

02



Profissionais da área da saúde de nível superior a sua composição, dentre enfermeiros ou outros profissionais previstos para os Núcleos de Apoio à saúde da família (NASF)



# FIOCRUZ RONDÔNIA: SOMOS TODOS AMAZÔNIA

**POR**

Marlúcia Seixas

**Colaboração:**

Alexandre Almeida (Fiocruz Rondônia)

**FOTO**

Alexandre Almeida

Com projetos inovadores e parcerias sólidas, a Fiocruz vem se destacando na Amazônia como instituição de ensino, pesquisa e inovação. Foi assim que, em 2009, foi criado o escritório técnico da Fiocruz, em Rondônia, fruto da cooperação com o Instituto de Pesquisas em Patologias Tropicais de Rondônia (Ipepatro). Hoje, com a missão de gerar, difundir e induzir soluções científicas e tecnológicas em patologias tropicais, a Fiocruz segue avançando em Rondônia, graças a ações colaborativas que a consolidam como instituição de referência nas áreas de educação, pesquisa e saúde.

Como bem lembrou Ricardo Godoi, diretor da Fiocruz Rondônia, durante o VIII Congresso Interno da Fundação, “o trabalho da Fiocruz na Amazônia tem uma dinâmica própria, o que leva as unidades do Amazonas e de Rondônia a atuarem,

na maioria das vezes, em cooperação com outras instituições da região, especialmente em importantes projetos de tecnologia e inovação em saúde”.

Seguindo essa dinâmica, a Fiocruz Rondônia planeja ir além e, em parceria com o Governo do Estado, Universidade Federal de Rondônia (Unir), Ipepatro e Centro de Pesquisa em Medicina Tropical (Cepem), iniciou no final de 2017 a obra do Polo de Pesquisa, Inovação, Desenvolvimento e Difusão em Saúde do Estado de Rondônia, que vai consolidar a posição da Fiocruz no desenvolvimento de pesquisas, conhecimento técnico e científico, e inovação voltados para as especificidades da região Amazônica e com vistas a potencializar o uso de recursos e resultados obtidos. Idealizado pelo pesquisador Luiz Hidelbrando Pereira da Silva, que faleceu em 2014, a

“

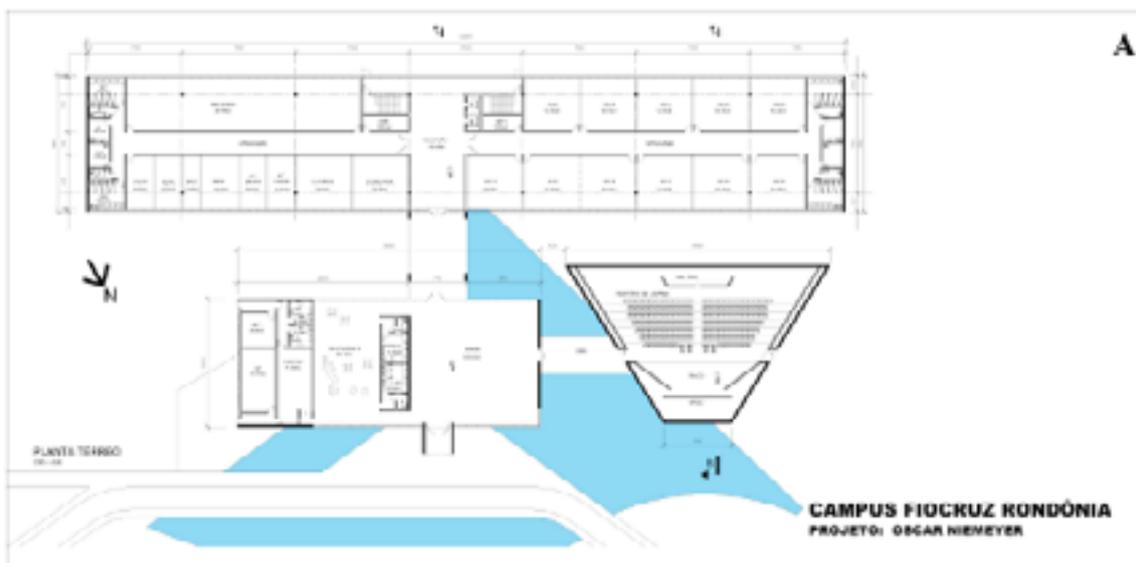
O trabalho da Fiocruz na Amazônia tem uma dinâmica própria, o que leva as unidades do Amazonas e de Rondônia a atuarem, na maioria das vezes, em cooperação com outras instituições da região, especialmente em importantes projetos de tecnologia e inovação em saúde. ”

Ricardo Godoi, diretor da  
Fiocruz Rondônia



construção do Polo Tecnológico está sendo desenvolvida em etapas. Com investimento da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), a obra do Prédio Finep está em estágio avançado e abrigará a gestão administrativa, laboratórios multiuso e biotério, além de salas de aula e biblioteca para o ensino. Em seguida, será contemplada a construção do Prédio de Laboratórios de Pesquisa, onde serão instalados laboratórios projetados com tecnologia em nível de excelência. Recentemente, foi

concluído o aterramento do local onde será construído o Prédio Niemeyer, cujo projeto foi doado por Oscar Niemeyer a Luiz Hildebrando da Silva – esta será a primeira obra de infraestrutura do arquiteto no norte do País e contará com um auditório, um centro de eventos e um prédio administrativo/ensino. As obras são acompanhadas pela Vice-Presidência de Gestão e Desenvolvimento Institucional (VPGDI/Fiocruz), por meio da Coordenação-Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic).





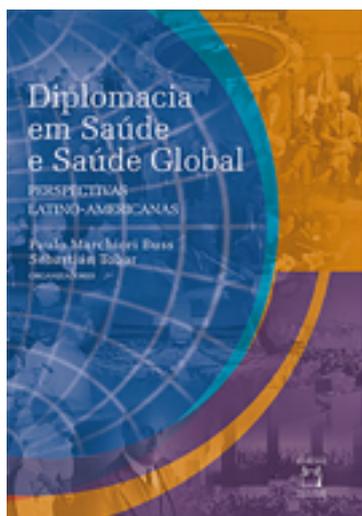
## VISÃO DE FUTURO

Com a intenção de tornar-se reconhecida como instituição de referência na redução dos problemas de saúde na região Amazônica, as pesquisas na Fiocruz Rondônia são norteadas por três grandes eixos: principais serviços, pesquisa e desenvolvimento na atenção à saúde pública; pesquisa e desenvolvimento em tecnologia aplicada ao controle ou cura de doenças endêmicas negligenciadas, de origem parasitária, microbiana e viral, transmitidas por vetores ou de transmissão hídrica; e geração de facilidades na formação de profissionais da saúde em todos os seus níveis de atuação, focadas no desenvolvimento local/regional.

Atualmente, a unidade conta com 20 servidores ativos e 61 colaboradores terceirizados, dentre esses médicos, biólogos, biomédicos e farmacêuticos bioquímicos, além de estudantes, da iniciação científica à pós-graduação. A Fiocruz Rondônia realiza pesquisas nas áreas de monitoramento e formulação de ações de melhorias na saúde da população vulnerável em áreas epidêmicas estratégicas; e consolidação dos laboratórios de diagnósticos em malária, arboviroses e hepatites B, C e D, em laboratórios de referência, além de realizar atendimento à população.



## SUA LEITURA



Do encontro entre saúde e relações internacionais se originam os conceitos e práticas contemporâneos da saúde global e da diplomacia da saúde. Mas tal encontro só se estabeleceu em função do processo de globalização. A crise econômica sistêmica e global, expondo as brechas estruturais do capitalismo global, aprofundou as desigualdades preexistentes e, desde então, só vem se ampliando, com consequências sociais, econômicas e sanitárias gravíssimas, particularmente para os países pobres e para os pobres de todos os países. Este livro procura explicar a saúde no cenário global; o que a molda social e economicamente; como o global dialoga com o regional e o local; como a governança global exerce impacto sobre a saúde; como transcorre a governança da saúde global; e que papel desempenha a diplomacia aplicada em prol de uma situação de saúde mais equitativa.

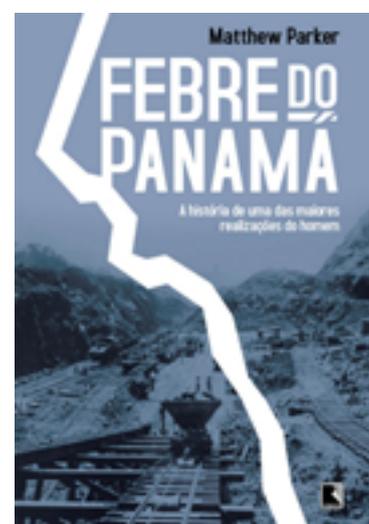
**Organizadores:** Paulo Marchiori Buss, Sebastián Tobar

**Editora:** Fiocruz / Ano: 2017 / 654 páginas

Este livro conta, de forma singular e impressionante, a história de uma das mais monumentais realizações do homem em todos os tempos: o Canal do Panamá. Em 1513, o conquistador espanhol Vasco Núñez de Balboa se tornaria o primeiro europeu a avistar o maior oceano do planeta e constatar que apenas uma estreita faixa de terra o separava do já cruzado — e razoavelmente conhecido — Atlântico. Era o início de um sonho que inflamaria monarcas, presidentes, homens de negócios e exploradores: encontrar uma hidrovía entre o Atlântico e o Pacífico. Quem a descobrisse estaria na vanguarda do comércio global e influenciaria o futuro de várias nações. Mas o que viria a ser considerada uma das artérias-chave do comércio mundial não estava nos planos da natureza. Cabia ao homem abrir o caminho, em um projeto iniciado pelos franceses, em 1880, e finalizado pelos EUA, em 1914. Obra tão ambiciosa quanto a construção das pirâmides: entre as duas colossais massas de água, montanhas, florestas e pântanos.

**Organizadores:** Matthew Parker

**Editora:** Record / Ano: 2012 / 602 páginas





# SUICÍDIO INDÍGENA É UM SÉRIO E NEGLIGENCIADO PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

Pesquisadores da Fiocruz alertam para o elevado risco de suicídio entre indígenas no País

**POR**

Cristiane Barbosa

A taxa de mortalidade por suicídio em indígenas do Brasil chega a ser dez vezes maior do que a taxa observada na população não indígena, principalmente nos Estados do Amazonas, Mato Grosso do Sul e Roraima. Diferentemente do observado entre os não indígenas, no Brasil são verificadas taxas de mortalidade por suicídio mais elevadas entre os jovens indígenas. Embora os jovens indígenas do sexo masculino apresentem taxas de mortalidade por suicídio mais elevadas

do que as das jovens indígenas do sexo feminino, estas últimas apresentam taxas muito maiores do que a das jovens não indígenas. Tanto entre indígenas como entre não indígenas o enforcamento é o principal método utilizado para lograrem o suicídio. Por outro lado, o uso da intoxicação e da arma de fogo para este propósito é menor, comparativamente, entre os indígenas. Essas são algumas das constatações de estudos científicos realizados ao longo de quase 10 anos



por pesquisadores do Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD/Fiocruz Amazônia). O suicídio é reconhecido como um importante problema de saúde em algumas áreas do Brasil, entretanto não há estudos nacionais ou regionais sobre a ocorrência, motivações e distribuição do suicídio na população indígena.

“

**Entendemos que o suicídio indígena é um daqueles objetos chamados rebeldes aos limites disciplinares que demandam tanto uma compreensão em profundidade quanto uma descrição em extensão. ”**



**Maximiliano Souza,**  
médico psiquiatra e  
pesquisador da Fiocruz

Nesse sentido, o grupo coordenado pelo médico psiquiatra Maximiliano Loiola Ponte de Souza, pesquisador e doutor em Ciências pelo Instituto Fernandes Figueiras, que atuou por 11 anos no então Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Saúde Indígena (LEIS) do ILMD/Fiocruz Amazônia, começou a estudar a temática em 2010. A ideia desde o princípio era que o grupo pudesse agregar no mesmo projeto investigações do ponto de vista qualitativo e quantitativo sob uma ótica interdisciplinar, por isso os estudos

envolveram nove profissionais, sendo 1 médico psiquiatra, 2 epidemiologistas, 2 enfermeiras, 1 antropóloga, 1 estatístico, 1 profissional de georreferenciamento e 1 assistente social. Essas pessoas ligadas a outras instituições se envolveram de forma direta ou indireta no trabalho, dada a complexidade do tema de investigação. O trabalho foi realizado também em parceria com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Brasil Plural.

“Entendemos que o suicídio indígena é um daqueles objetos chamados rebeldes aos limites disciplinares que demandam tanto uma compreensão em profundidade quanto uma descrição em extensão”, frisou Maximiliano Ponte de Souza. A produção foi intensa, resultando em 8 artigos científicos publicados, 1 capítulo de livro e 2 dissertações de mestrado. Além disso, os pesquisadores colaboraram com 2 entrevistas para revistas de grande porte. A expectativa é de publicar mais 2 artigos que já foram aprovados. Sobre os principais desafios em trabalhar com a temática, Jessem Orellana, pesquisador do ILMD/Fiocruz Amazônia, disse, que lidar com o suicídio é, e sempre será, uma árdua tarefa, dado o seu significado (cultural, social e moral) e impacto sobre as pessoas e familiares, os quais muitas vezes “escondem” ou negam o evento e, principalmente, suas motivações. “Em populações indígenas, é ainda mais desafiador lidar com a problemática do suicídio, pois conhecer seus determinantes é algo que requer tempo, observação e acurada interpretação, já que aspectos históricos, culturais, biológicos, sociais e ambientais podem estar influenciando, muitas vezes de forma sinérgica ou antagônica”, apontou Orellana.

O problema do suicídio entre indígenas, no Brasil, não é de hoje. Segundo



Maximiliano Ponte de Souza, artigos científicos sobre este tema, sobretudo de caráter antropológico, podem ser encontrados já na década de 1990. Para se ter uma ideia, no artigo científico 'Suicídio em indígenas no Brasil: um problema de saúde pública oculto', publicado em 2012, na Revista Brasileira de Psiquiatria, os investigadores Maximiliano Ponte de Souza e Jesem Orellana, explorando dados do período compreendido entre 2006 e 2010, já alertavam que o suicídio é um importante problema de saúde no Brasil, especialmente entre os povos indígenas, e particularmente, nas regiões Centro-Oeste e Norte. Segundo os investigadores, "esses resultados revelam uma questão de saúde pública com relevância nacional que, até o momento, encontrava-se oculta e ignorada". Segundo os pesquisadores do grupo, a diversidade cultural de cerca de 225 povos indígenas deve ser levada em consideração, pois existem diversos grupos culturalmente diferenciados e que possuem distintas histórias de contato com a população não indígena. Os pesquisadores apontam, desse modo, que o suicídio é um sério e negligenciado problema de saúde pública em importantes e numerosos grupos indígenas ou regiões do Brasil. O caso mais conhecido talvez, por sua dramaticidade histórica ou quantitativa, seja o dos Guarani de Mato Grosso do Sul. No entanto, há estudos que apontam para um quadro semelhante entre os Tikuna de Tabatinga (Região do Alto Rio Solimões) e entre os indígenas da região do Rio Negro, também no Estado do Amazonas, em especial em São Gabriel da Cachoeira. Recentes estudos exploratórios também têm mostrado que o suicídio é extensível ao difícil cotidiano de indígenas do estado de Roraima, segundo informou o pesquisador Orellana.

## POSSÍVEIS CAUSAS DE SUICÍDIOS

As características dos suicídios entre indígenas variam conforme as etnias e localização. O pesquisador Maximiliano Ponte de Souza explicou que no Mato Grosso do Sul, especificamente no sul do estado, foi demonstrado, ao realizarem georreferenciamento dos casos, que a maior parte das ocorrências está nas áreas predominantemente habitadas pela etnia Guarani-Kaiowá, de pequena extensão e localizadas próximas aos centros urbanos regionais.

Então, para o caso dos Guarani Kaiowá, segundo o médico psiquiatra, a associação entre o suicídio e os históricos conflitos pela posse e uso de terras ancestrais parece algo plausível, embora carregado de complexidade. Por outro lado, ao examinarem o suicídio no Amazonas, os pesquisadores observaram que as mortes se concentram basicamente em duas grandes áreas: no Alto Rio Negro e no Alto Rio Solimões.





Maximiliano chama atenção para o fato de que a região do Alto Rio Negro é uma das áreas com maior extensão de terras indígenas demarcadas no Brasil e uma boa parte dos casos ocorre dentro das terras indígenas, de modo semelhante ao que acontece na região do Alto Solimões. “Então, se o discurso da carência da terra demarcada serve para explicar pelo menos em parte a mortalidade por suicídio no sul do Mato Grosso do Sul, essa mesma hipótese se mostra mais frágil no contexto do Estado do Amazonas”, pontuou Maximiliano Ponte de Souza. Já no estado de Roraima foi observado que o suicídio está mais relacionado à ocorrência na capital Boa Vista e em municípios próximos a ela. Desta forma, os pesquisadores levantam a possibilidade de que, neste contexto, o suicídio indígena possa estar associado aos desafios da migração indígena para as grandes cidades. Jesem Orellana alertou ainda que há muitos aspectos que precisam ser considerados como determinantes do suicídio indígena no Brasil. Os aspectos socioculturais, via de regra, são negligenciados em quase todos os cenários. “Não temos conhecimento de

iniciativas que valorizem o protagonismo dos jovens indígenas ou o que é cobrado deles, não só pelo grupo/território em que estão inseridos, mas também pelo mundo não indígena, o qual muitas vezes é visto apenas como uma alternativa distante ou excludente por eles”, destacou Orellana.

Em entrevista à *Fiocruz Amazônia Revista*, Orellana revelou que, de igual maneira, pouco se sabe sobre a relação do suicídio indígena com valores ancestrais que poderiam estar ou não influenciando esses indivíduos a “retirarem” suas vidas. “Também há outros aspectos de cunho social, como a baixa escolarização, a baixa renda e as escassas oportunidades de inserção dos indígenas no mercado de trabalho que poderiam ser considerados como determinantes sociais do suicídio indígena, em especial entre os mais jovens”, detalhou ele.

O uso de álcool e de outras drogas também pode estar influenciando este “quadro desolador”, de acordo com a análise de Orellana. Um recente estudo realizado em Tabatinga-AM (aceito para publicação) forneceu algumas pistas sobre a importância do consumo de álcool sobre o suicídio entre os Tikuna, além de ter



mostrado de forma inédita, em estudos epidemiológicos no país, os “clusters familiares” de suicídio ou algo como uma série de suicídios entre integrantes da mesma família.

“Esperamos que este resultado sirva como alerta para as equipes de saúde mental dos municípios ou distritos sanitários especiais indígenas, no sentido de usarem esses fatídicos eventos como marcadores em potencial de novos casos no domicílio ou entre membros próximos da família”, alertou Orellana.

### POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Orellana apontou que os números de suicídios entre indígenas estão longe de representarem a real magnitude do problema, pois há dezenas de casos que deixam de ser registrados por inúmeros motivos. A falta de pessoal especializado, de acesso à internet e até problemas na classificação ou na falta de classificação da causa de morte estão entre os principais problemas. Sendo que, em alguns casos, o sub-registro dessas mortes pode ser da ordem de 20%, segundo ele, conforme dados de estudos realizados pelo grupo de pesquisa. Na avaliação do pesquisador, do ponto de vista sanitário, também há muitos desafios, já que historicamente a atenção à saúde indígena está essencialmente centrada em uma lógica imediatista e demasiadamente simplista, em geral, orientada para lidar com doenças infecciosas ou crônicas, como neoplasias e diabetes, por exemplo. “Este talvez seja o maior entrave, já que ao relegar a saúde mental a um segundo plano perpetuamos a sabida e injusta lógica desse modelo assistencial, no que diz respeito ao enfrentamento de problemas altamente desafiadores como o suicídio, o qual não

pode ser evitado com um medicamento ou uma vacina”, frisou.

Maximiliano Ponte de Souza lembra, neste sentido, o desafio que é construir estratégias de ação, no campo que habitualmente chamamos de saúde mental. O pesquisador destaca que o conceito de “saúde mental” tal como formulado fora do contexto indígena necessita de criatividade, relativizações e diálogo com os povos indígenas para que possa ser transposto para o campo da saúde indígena. A dicotomia corpo/mente, tão próprio da medicina ocidental, não encontra necessariamente amparo nos sistemas cosmológicos indígenas. Além destes aspectos conceituais, uma das mais importantes questões para o enfrentamento do suicídio indígena no Brasil, na avaliação do pesquisador Jesem Orellana, passa pelo modelo assistencial e pela pouca expressão e recursos destinados à prevenção do suicídio, seja dentro dos territórios indígenas ou fora deles.

“

**A política de saúde mental para os povos indígenas não pode ser uma só e muito menos ser fabricada em gabinetes ou reuniões estranhas às múltiplas realidades ou contextos em que esses indígenas estão inseridos, do Amapá até o Rio Grande do Sul, pontuou. ”**

Jesem Orellana, pesquisador  
da Fiocruz Amazônia.



## RASCUNHO DE PROPOSTAS

O psiquiatra Maximiliano Ponte de Souza aponta, a partir das pesquisas do grupo, três conjuntos de propostas a serem implementadas diante deste crítico cenário. A primeira delas consiste em reconhecer a magnitude e especificidades do suicídio entre os povos indígenas brasileiros. Ou seja, é preciso que o estado e a sociedade reconheçam que o suicídio entre indígenas é um importante problema social e de saúde pública, e que não é igual ao suicídio observado entre não indígenas. É preciso sempre lembrar: há taxas mais elevadas de suicídios de indígenas entre jovens; o risco mais elevado incide sobre mulheres menores de 20 anos; existe uma concentração em determinados contextos geográficos e culturais; há possivelmente associação com uso do álcool; o uso da intoxicação e da arma de fogo é menor.

A segunda proposta aponta para a necessidade de se incrementar a qualidade das informações nacionais a respeito da mortalidade por suicídio entre indígenas. Para o adequado enfrentamento da questão é preciso conhecer sua extensão e características. Sabe-se hoje que o problema é importante, mas, por outro lado, sabe-se também que deve ser ainda maior considerando os problemas relacionados à notificação de óbitos. Desta forma, faz-se necessário qualificar os registros oficiais de óbitos por suicídio, visando minorar os problemas de sub-registro e subidentificação de casos. Esta qualificação poderia ser feita por meio da integração entre academia e serviços de saúde, incluindo tanto aqueles ligados à Secretaria de Saúde Indígena

(SESAI), como aqueles não ligados a essa secretaria. Tal integração é necessária, pois os casos de suicídio entre indígenas não ocorrem exclusivamente na população indígena aldeada, que se encontra sob a responsabilidade sanitária da SESAI. Outra ação proposta seria a realização de uma pesquisa de caráter nacional,

### RASCUNHO DE PROPOSTA

#### 01

Reconhecer a magnitude e especificidades do suicídio entre os povos indígenas Brasileiros

- Taxas mais elevadas entre jovens;
- Risco mais elevados nas meninas;
- Concentração em determinados contextos;
- Possível associação com uso de álcool;
- Menor uso da intoxicação e da arma de fogo.

#### 02

Incrementar a qualidade das informações

- Qualificar os registros oficiais (sub-registros e sub-identificação como indígena);
- Vigilância integrada dos óbitos por suicídio (academia/serviços, sesai/não-sesai);
- Pesquisa nacional de caráter prospectiva, com autopsias psico-sociais;
- Pesquisa qualitativas/etnográficas sobre diferentes contextos.

#### 03

Ações de enfrentamento

##### Macro-determinantes sociais

- Desenvolvimento de autonomia e autogestão;
- Sustentabilidade ambiental e econômica;
- Estratégias de comunicação intergeracionais;
- Valorização do bem viver;

##### Fatores de risco individuais

- Atenção a "saúde mental" de modo culturalmente sensível, e tecnicamente resolutiva;
- Articulação entre diferentes intersetorial.



prospectiva utilizando instrumentos padronizados que pudessem investigar as circunstâncias da morte por suicídio entre indígenas (autopsias psicossociais). Ainda no sentido de qualificar as informações, seria necessária a realização de pesquisas qualitativas/etnográficas sobre diferentes contextos;

Já o terceiro grupo de propostas se refere a ações específicas para o enfrentamento do suicídio entre indígenas. Esta proposta pode ser dividida em dois subgrupos. O primeiro estaria direcionado ao enfrentamento dos macrodeterminantes sociais, sendo importante neste contexto a implantação de ações que favoreçam a autonomia e a autogestão dos povos indígenas; a sustentabilidade ambiental e econômica; as estratégias de comunicação entre as gerações mais jovens e mais velhas; o bem viver; e a proteção contra diferentes formas de violência às quais os povos indígenas estão submetidos. Já o segundo subgrupo se refere às ações de enfrentamento dos fatores de risco individuais. Neste subgrupo, encontra-se a necessidade de se buscar construir estratégias no que se chama de campo da “saúde mental” (conforme as considerações antes feitas sobre a adoção deste conceito na saúde indígena) direcionadas aos povos indígenas, que sejam simultânea e culturalmente sensíveis, eticamente responsáveis e tecnicamente resolutivas. Tais ações não devem ser inseridas apenas no escopo de ação dos serviços de saúde, devem articular-se com os serviços de educação, bem-estar social, proteção ambiental, em estreita parceria com as próprias organizações indígenas.

## PARA SE APROFUNDAR MAIS NO TEMA

### ARTIGOS

ORELLANA, Jesem Douglas Yamall et al. Hidden Suicides of the Indigenous People of the Brazilian Amazon: Gender, Alcohol and Familial Clustering. *Revista Colombiana de Psiquiatria*, Bogotá, 2018. 1

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de; ONETY JUNIOR, Ricardo Tadeu da Silva. Caracterização da mortalidade por suicídio entre indígenas e não indígenas em Roraima, Brasil, 2009-2013. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 26, n. 4, p. 887-893, dez. 2017. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742017000400887&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742017000400887&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)

### SEPARATA

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de; ORELLANA, Jesem Douglas Yamall. Suicídio é suicídio e ponto final? Será?. In: LANGDON, Esther Jean; GRISSOTI, Márcia (Org.). *Políticas Públicas: reflexões antropológicas*. Florianópolis: Editora UFSC, 2016. p. 195-209.

### DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

PEREIRA, Marluce Mineiro. *Representações Sociais de Suicídio Indígena em São Gabriel da Cachoeira*. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Orientador: Maximiliano Loiola Ponte de Souza.

SOUZA, Adriana Duarte de. *Narrativas de suicídio na cidade mais indígena do Brasil*. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Orientador: Maximiliano Loiola Ponte de Souza.

### MATÉRIAS JORNALÍSTICAS COM COLABORAÇÃO DOS PESQUISADORES

NOLEN, Stephanie. The lost ones: Inside Brazil's Indigenous suicide crisis, 2017. Disponível em: <http://www.smagnis.com/the-lost-ones-inside-brazils-indigenous-suicide-crisis/> VIANA, Natália. São Gabriel e seus demônios, 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/05/sao-gabriel-e-seus-demonios/>



Acesse o link para  
conhecer outras  
publicações sobre a  
pesquisa.





## ATÉ ONDE PODEMOS IR COM COOPERAÇÃO?

A inquestionável importância das parcerias institucionais

### POR

Marlúcia Seixas

### FOTOS

Marlúcia Seixas e Arquivo pessoal de Sara Ferraz



Em tempos de verbas reduzidas, parcerias institucionais são fundamentais para a realização de projetos arrojados. O Curso de Especialização em Vigilância em Saúde na Rede de Atenção Primária à Saúde na Tríplice Fronteira do Alto Solimões, oferecido pelo Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD/Fiocruz Amazônia), em Tabatinga, município localizado no oeste do Amazonas, na região de fronteira com Colômbia e Peru, é a prova de que com cooperação as instituições podem fazer muito mais, especialmente na Amazônia. O curso é resultado de parceria com a Organização Panamericana de Saúde (Opas), Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), Assessoria de Assuntos Internacionais de Saúde do Ministério da Saúde (Aisa/MS), Programa de Doenças Sexualmente Transmissíveis - Aids do Ministério da Saúde, Secretaria Estadual de Saúde do Amazonas (Susam), Fundação de Vigilância em Saúde (FVS), Conselho

de Secretários Municipais de Saúde do Amazonas (Cosems-AM), Instituto Federal do Amazonas (Ifam/Campus Tabatinga), Associação Brasileira de Profissionais de Epidemiologia de Campo (ProEpi) e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Sérgio Luz, diretor da Fiocruz Amazônia, destaca que há algum tempo a instituição vinha tentando ofertar um curso presencial, que aproximasse a área de vigilância à atenção primária para os profissionais que atuam no Alto Solimões, na tríplice fronteira, e que isso só se tornou possível com o apoio dos parceiros.

“Nossa finalidade com este curso é justamente capacitar os profissionais que estão à frente desses serviços para que se tornem pessoas transformadoras, prontas para agir e pensar o que pode ser melhor na resolução dos problemas de saúde enfrentados nessa região”, revelou Sérgio Luz. O resultado dessa relação de parceria



“

Nossa finalidade com este curso é justamente capacitar os profissionais que estão à frente desses serviços para que se tornem pessoas transformadoras, prontas para agir e pensar o que pode ser melhor na resolução dos problemas de saúde enfrentados nessa região. ”

Sérgio Luz, diretor do ILMD/Fiocruz Amazônia.

não poderia ser melhor, pois, já no segundo semestre deste ano, a primeira turma da especialização - que iniciou em outubro de 2017, com 45 alunos, sendo 33 brasileiros e 12 profissionais da Colômbia e do Peru -, irá concluir a pós-graduação *lato sensu*.

Para a diretora-executiva da ProEpi, Sara Ferraz, “essa aliança entre instituições para a realização do curso em Tabatinga tem permitido que os próprios profissionais da região fronteiriça compreendam seu papel estratégico na saúde pública regional e dos países, já que as fronteiras, historicamente, costumam ser portas de entrada de doenças para as quais, nós, de ambos os países, nem sempre estamos preparados para enfrentar”. Ela aponta ainda que aliar a expertise científica da Fiocruz Amazônia

à experiência em projetos de intervenção da ProEpi está permitindo que alunos do curso de especialização possam construir projetos que poderão impactar a saúde de toda a comunidade da zona de fronteira. A expectativa em relação aos projetos a serem apresentados pelos alunos ao final do curso tem motivado a coordenação a empenhar-se para que esses trabalhos possam inspirar políticas, protocolos e sensibilizar os gestores da saúde para um olhar diferenciado para as questões que envolvem a tríplice fronteira.

“Nossa ideia é divulgar à sociedade os produtos gerados no curso de especialização, além de difundir as ações de vigilância em saúde desenvolvidas nessa região, com o objetivo de fomentar a capacitação dos profissionais da área, fortalecer as ações de vigilância em saúde, e estimular a cooperação entre instituições”, explicou Fernando Herkrath, coordenador do curso. A matriz curricular do curso compreende a oferta de dez módulos, totalizando uma carga horária de 440 horas. Os Trabalhos de Conclusão de Curso estão sendo desenvolvidos individualmente, abordando problemas relevantes na área de vigilância em saúde. Os trabalhos serão apresentados em formato de propostas de intervenção.



Uma oportunidade para professores e alunos

**POR**

*Marlúcia Seixas*

**FOTOS**

*Marlúcia Seixas*

Despertar o interesse de alunos para questões relevantes e romper com o caráter mecânico da transmissão do conhecimento são alguns dos desafios dos professores para dialogar e problematizar sobre temas de saúde e meio ambiente, nas escolas. Assim, para estimular o desenvolvimento de atividades interdisciplinares no ensino, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) promove a cada dois anos a Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (Obsma), um projeto educativo voltado para alunos e professores de todas as disciplinas, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, de escolas públicas e privadas do Brasil, reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC). A Obsma é um projeto da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC/Fiocruz), criado em 2001. Hoje, em sua 9ª edição, tem como

finalidade estimular a realização de ações e atividades educativas voltadas para os temas transversais de Saúde e de Meio Ambiente, permitindo aos professores ressignificarem suas práticas docentes e animando os estudantes a se aproximarem do conteúdo pedagógico, tudo isso sob um olhar voltado para realidade local. Nesta edição, a Olimpíada além de animar professores e alunos a refletirem sobre questões relacionadas à saúde, ao meio ambiente e suas interfaces com a Educação, Ciência & Tecnologia (C&T), também tem como finalidade divulgar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que são resultados de debates e negociações globais para a composição da agenda mundial adotada durante a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável de 2015, a Agenda 2030.

“

São duas as categorias de participação na Obsma: ensino fundamental e ensino médio. Na categoria ensino fundamental podem participar alunos do 6º ao 9º ano. No ensino médio, podem participar estudantes de cursos profissionalizantes e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). ”

### CATEGORIAS E MODALIDADES

São duas as categorias abertas à participação na Obsma: ensino fundamental e ensino médio. Na categoria ensino fundamental, podem participar alunos do 6º ao 9º ano. Do ensino médio, podem participar também estudantes de cursos profissionalizantes e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os trabalhos devem ser inscritos nas seguintes modalidades: Produção audiovisual, Produção de Texto e Projeto de Ciências.

### INSCRIÇÕES DE TRABALHOS

As inscrições para a 9ª Obsma serão recebidas até às 17h (horário de Brasília), do dia 31 de julho 2018. Depois de inscritos, os professores têm que enviar o material original, via Correios, até o dia 31 de agosto de 2018.

Para se inscrever, o professor deve estar cadastrado no site da Obsma, [www.olimpiada.fiocruz.br](http://www.olimpiada.fiocruz.br). Vale ressaltar que, se o trabalho for orientado por mais de um professor, deve ser escolhido apenas um representante para efetuar a inscrição.

O material a ser enviado pelos Correios (textos, documentos, fotografias, vídeos, pendrives, CDs, DVDs etc.) deve ser remetido para o endereço da Coordenação

Regional da Obsma, correspondente ao Estado de origem da escola participante.

### PRÊMIO ANO OSWALDO CRUZ

Na sua 9ª edição, a Obsma irá premiar um trabalho que tenha utilizado como referência bibliográfica artigos, capítulos, livros, teses, dissertações e outros recursos educacionais produzidos pela Fiocruz. Para concorrer, o professor deve informar as fontes consultadas.



### COORDENAÇÕES

A coordenação nacional da Obsma fica no Rio de Janeiro- RJ. As coordenações regionais estão assim distribuídas: Regional Centro-Oeste (atende ao DF, GO, MS, MT, TO); Regional Minas/Sul (MG, PR, RS, SC); Regional Nordeste I (CE, MA, PB, PE, PI, RN); Regional Nordeste II (AL, BA, SE); Regional Norte (AC, AP, AM, PA, RO, RR); e Regional Sudeste (ES, RJ, SP).

O endereço de cada coordenação regional está disponível no site da Obsma, em [www.olimpiada.fiocruz.br](http://www.olimpiada.fiocruz.br)



### OFICINAS PEDAGÓGICAS

As Oficinas Pedagógicas da Obsma são canais de diálogos com professores e escolas e acontecem em todo o País, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Nas oficinas da Obsma, as atividades são pensadas de forma a permitirem a construção, em parceria com os professores, de novas abordagens pedagógicas que privilegiem a transversalidade e o diálogo entre a educação e os temas saúde e meio ambiente.

“As oficinas, além de ajudarem na divulgação e no desenvolvimento de práticas pedagógicas e científicas ligadas à saúde e ao meio ambiente, possibilitam aos professores contato com as coordenações da Obsma, para tirar dúvidas sobre o edital e as formas de participação”, frisou o coordenador regional Nordeste II, Antonio Brotas. As oficinas pedagógicas adotam uma metodologia flexível, com atividades que podem ser realizadas em forma de palestras, seminários, dinâmicas, bate-papos ou atividades práticas, tudo no contexto da docência na educação básica e para o fortalecimento da prática docente.

### EDIÇÃO ANTERIORES

Em sua 8ª edição (2015-2016), a Obsma recebeu inscrições de mais 700 professores e 16 mil alunos. Noventa e quatro trabalhos concorreram pela regional Norte, nas modalidades: Produção Audiovisual, Produção de Texto e Projeto de Ciências, distribuídos nas categorias Ensino Fundamental (para alunos do 6º ao 9º ano) e Ensino Médio. Na edição anterior (2013-2014), foram inscritos 34 trabalhos.

“Esse crescimento a cada edição demonstra que a Olimpíada está se consolidando como importante projeto pedagógico, tornando-se conhecida, e passando a integrar o calendário escolar”, disse a coordenadora regional Norte da Obsma, Rita Bacuri. A coordenadora destaca ainda a qualidade dos trabalhos que concorrem na Obsma, vem evoluindo significativamente.

Na última edição, três trabalhos do Norte se destacaram nacionalmente, sendo dois na modalidade Produção de Textos e um na Produção Audiovisual. Na modalidade Produção de Textos, categoria Ensino Fundamental, o destaque foi para o trabalho 'História em quadrinhos como aliada do meio ambiente', da professora Bárbara Caroline Lizardo, da Escola Estadual de Tempo Integral Bilíngue Professor Djalma da Cunha Batista, de Manaus-AM.

Na mesma modalidade, na categoria Ensino Médio, destacou-se o trabalho da professora Angélica Cristina Bin, sob o título 'Eis um grito silencioso', realizado na Escola Estadual Mário Andrezza, de Boa Vista-RR. Na Modalidade Produção Audiovisual, categoria Ensino Fundamental, o destaque foi o trabalho 'Educar é Viver', da professora Gisele Guimarães de Oliveira, da Escola Estadual Lobo D'Almada, também de Boa Vista, Roraima.



Acesse aqui a cartilha da Obsma



Confira aqui os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Em crônica audiovisual, IOC presta homenagem ao símbolo maior do Instituto e da Fundação Oswaldo Cruz.



#vempronorte

2018

**13º CONGRESSO  
INTERNACIONAL**  
redeunida

## FAZ ESCURO, MAS CANTAMOS....

13ª edição do Congresso Internacional da Rede Unida promove em Manaus debate em torno da saúde, da educação, da arte e cultura, da participação cidadã, da gestão e do trabalho.

### POR

Mirineia Nascimento (Ascom/Rede Unida)

### FOTOS

Divulgação

Com o tema “Faz escuro, mas cantamos: redes em re-existência nos encontros das águas”, a 13ª edição do Congresso Internacional da Rede Unida movimentou a agenda científica do País com a participação estimada de 3.000 congressistas. O público-alvo é composto por trabalhadores da saúde, usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), pesquisadores, estudantes, professores, gestores e representantes de movimentos sociais. Realizado pela primeira vez em Manaus, o 13º Congresso Internacional da Rede Unida tem como finalidade propor o debate em torno da saúde, da educação, da arte e cultura, da participação cidadã, da gestão e do trabalho em saúde na perspectiva do fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). O evento é sediado no campus da Universidade Federal do

Amazonas (Ufam), no período de 30 de maio a 02 de junho de 2018. Esta edição no Amazonas fechou com o número de 3.420 submissões de trabalhos nacionais e internacionais. Realizado pela primeira vez no Norte do País, a região foi a que mais teve trabalhos submetidos, totalizando 1.652 submissões com destaque para os estados do Amazonas e Pará, com 913 e 641 trabalhos inscritos, respectivamente. A região Nordeste ficou em segundo lugar com 628 trabalhos. Já o Sudeste figurou em terceira posição com 383 submissões. As regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil tiveram 298 e 165 trabalhos submetidos, respectivamente. O congresso mobilizará a participação de professores, pesquisadores e ativistas sociais de diversos países dos continentes americano, europeu, africano e asiático. Além do expressivo número de

trabalhos aprovados, a programação do evento conta com convidados nacionais e internacionais.

“

Esperamos que esse evento possa deixar nos congressistas a ideia de que a Amazônia também é um lugar de potencialidades, de produção de saúde, de vida, com suas especificidades. ”

Rodrigo Tobias, pesquisador do ILMD/Fiocruz Amazônia e presidente da 13ª edição do congresso.

As atividades internacionais incluem cinco fóruns, que fomentam debates sobre temas da atualidade em relação à gestão da educação e do trabalho em saúde na perspectiva de diferentes países:

V Fórum Internacional de Educação na Saúde, com a temática “Interprofissionalidade na formação e no trabalho em saúde: desafios às políticas e ao cotidiano”;

IV Fórum Internacional de Participação em Saúde, Políticas Públicas e Educação Cidadã, com o tema ‘A vitalidade da democracia quando as instituições padecem: a resistência cidadã como artesanias de novos tempos’;

V Fórum Internacional de Atenção Básica/Primária em Saúde, com o tema ‘A atenção básica/primária nos sistemas de saúde universais: desafios e avanços após 40 anos de Alma Ata’;

IV Fórum Internacional de Cooperação em Saúde e Políticas Públicas, com o tema ‘Direitos humanos, políticas públicas e inclusão em tempos de austeridade: repercussões na gestão da educação e do trabalho na saúde’;

I Fórum Internacional de Saúde do Migrante, com o tema ‘A dignidade e a saúde das pessoas em tempos sombrios: as fronteiras nacionais e a afirmação de direitos humanos’.

A expectativa do presidente desta edição do Congresso, Rodrigo Tobias, é que os participantes vejam que a Região Amazônica não é somente o lugar da distância, da dificuldade, da falta de acesso, o lugar das carências e das doenças.

“Esperamos que esse evento possa deixar nos congressistas a ideia de que a Amazônia também é um lugar de potencialidades, de produção de saúde, de vida, com suas especificidades. O nosso desejo é que os participantes reservem sua participação nesse congresso e desfrutem de tudo o que vai acontecer. Estamos trabalhando muito para que tudo saia bem”, declarou Tobias. “A diversidade da Amazônia representa a diversidade do Brasil”, completa o presidente, para declarar que haverá aprendizagens para todos os participantes. Para o coordenador Nacional da Rede Unida, Júlio César Schweickardt, a organização do Congresso é um dos desafios da atual coordenação, que tem dentre os seus objetivos mobilizar os vários setores e atores que atuam no contexto da saúde e da educação, incluindo usuários de serviços de saúde, membros de Conselhos de Saúde e trabalhadores do SUS, oportunizando um fórum especial de participação cidadã. “Ver com novos olhares a saúde pública brasileira, fortalecer o nosso Sistema Único de Saúde [SUS] e pensar na formação dos profissionais da área são algumas de nossas missões à frente da Rede Unida, uma instituição muito atuante e comprometida com as políticas de saúde no Congresso”, concluiu.

## INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

São parceiros desta edição a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), Conselho

Nacional de Saúde (CNS), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério da Saúde (MS), Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos (Manauscult), Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), Secretaria de Estado da Cultura (SEC), Secretaria Municipal de Saúde (Semsu), Secretaria Municipal de Educação (Semed), Conselho de Secretários Municipais de Saúde do Amazonas (Cosems-AM) e ILMD/Fiocruz Amazônia, coorganizador do Congresso.

## PROGRAMAÇÃO

Nos congressos da Rede Unida são aceitos trabalhos para apresentação oral nas modalidades Távolas e Rodas de Conversa. Para os organizadores, o volume de trabalhos submetidos e aprovados aponta para um Congresso com grande densidade técnico-científica, além da enorme diversidade de temas e de experiências locais que compõem uma programação atrativa para diferentes públicos. A programação do congresso inclui atividades nos cinco eixos centrais: Educação, Trabalho, Gestão, Controle Social e Participação e Saúde, Cultura e Arte; Fóruns Internacionais: Cooperação em Saúde e Políticas Públicas, Participação, Educação em Saúde, Atenção Básica/Primária em Saúde; Mostra Fotográfica; Lançamentos de livros; Seminários, encontros e oficinas; Conferências, Intervenções e muitas outras atividades.

## SAIBA MAIS

A Associação Brasileira da Rede Unida

reúne projetos, instituições e pessoas interessadas na mudança da formação dos profissionais de saúde e na consolidação de um sistema de saúde equitativo e eficaz com forte participação social. A principal ideia força da Rede Unida é a proposta de parceria entre universidades, institutos de pesquisa, serviços de saúde e organizações comunitárias. Não se trata de qualquer parceria: trata-se de uma modalidade de cogestão do processo de trabalho colaborativo, em que os sócios compartilham poderes, saberes e recursos. Por ser uma Associação de abrangência nacional, a Rede Unida prima por estimular a produção de estudos e pesquisas, desenvolvimento de tecnologias alternativas, produção e divulgação de informação e conhecimentos técnicos e científicos, que digam respeito às atividades de promoção da educação e da saúde em todo o País, bem como de proposição de novos modelos sócioprodutivos e de sistemas alternativos de produção que fortaleçam o campo da saúde, a fim de garantir e ampliar a cidadania, os direitos humanos, a democracia e outros valores universais. Nesse sentido, é tarefa prioritária da Rede Unida reafirmar o processo histórico de luta pela reforma sanitária e democratização da saúde, com o objetivo de fortalecer o SUS por meio de mudanças na formação profissional em saúde. Para tanto, é desafio da Rede induzir modelos de educação profissional interdisciplinares, multiprofissionais e que respeitem os princípios do controle social e do SUS e, assim, promover tessituras entre educação, saúde e sociedade a partir da formação de trabalhadores críticos e reflexivos, capazes de realizar leituras de cenário, identificar problemas e propor soluções no cotidiano de sua prática profissional e na organização do trabalho em saúde.





# REVISTA FIOCRUZ AMAZÔNIA INOVA NA FORMA DE COMUNICAR CIÊNCIA E SAÚDE

Iniciativa está alinhada aos compromissos centrais do programa de gestão da presidência da Fiocruz em promover a CT&I em saúde para o benefício da sociedade

## POR

Cristiane Barbosa

## FOTOS

Eduardo Gomes

O ILMD/Fiocruz Amazônia, ao completar 23 anos de atuação no Estado do Amazonas no ano de 2017, implementou sua primeira revista de divulgação científica impressa voltada ao grande público. A Fiocruz Amazônia Revista foi elaborada com um projeto gráfico inovador e alinhado à missão institucional. O projeto ousado e arrojado surgiu da necessidade de estender para a sociedade - além dos meios de comunicação corporativa existentes - uma comunicação mais aprofundada sobre as inúmeras ações e pesquisas existentes na instituição. O diretor do ILMD, Sérgio Luz, disse que a iniciativa está alinhada aos compromissos centrais do programa de gestão da presidência da Fiocruz que consiste em promover a Ciência, a Tecnologia e a Inovação (CT&I) em



saúde para benefício da sociedade; bem como promover educação e divulgação científica para a ciência, a saúde e a cidadania. “Um dos pontos fortes deste produto está alinhado também ao compromisso de promover a informação e a comunicação como fatores estratégicos do desenvolvimento institucional e como direitos da sociedade”, pontuou.

As atividades realizadas por meio do projeto estão aliadas à tendência crescente do interesse dos brasileiros por ciência. Dados da 4ª edição da pesquisa 'Percepção Pública da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil', promovida e realizada em 2015 pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), mostram que 61% dos brasileiros dizem ser interessados ou muito interessados em C&T. Em 1987, somente 20% dos entrevistados na pesquisa promovida pelo CNPq alegavam se interessar pelo tema; em 2006, essa percentagem era de 41%.

“

O objetivo é colaborar com as ações de comunicação, divulgação científica e popularização da ciência no ILMD, a partir da incorporação do jornalismo científico, em produtos editoriais da instituição. A revista vem somar com o movimento nacional de popularização da ciência e ao mesmo tempo contribui para o fortalecimento da imagem institucional”. Maria Olívia Simão, professora da Ufam e coordenadora executiva do Projeto de Gestão e Desenvolvimento Institucional (PGDI) que originou o projeto da revista. ”

A jornalista Cristiane Barbosa, responsável pela elaboração do projeto jornalístico e editorial, informou que o interesse do brasileiro pela ciência é crescente, mas ainda há muita falta de conhecimento da população sobre o universo científico. Para

se ter uma ideia, recentes pesquisas, como o estudo 'Índice Anual da Situação da Ciência' (State of Science Index - SOSI), feito pela 3M em todo o mundo, mostram que 83% dos brasileiros acreditam que a ciência é muito importante para a sociedade diante de 63% dos entrevistados no resto do mundo. “O brasileiro é maravilhado com a ciência e com o seu potencial no dia a dia e, em vista disso, a Revista criada pela Fiocruz Amazônia é um produto que vem contribuir para elevar o conhecimento do público leigo sobre políticas públicas e institucionais para a ciência, bem como vem divulgar o que está sendo feito em prol da pesquisa voltada para a saúde”, afirmou. A pesquisa contou com respostas de entrevistados de 14 países, que foram questionados em relação ao seu conhecimento, compreensão e valorização da ciência. Essa ação está alinhada à missão da Fiocruz Amazônia, que é “contribuir para a melhoria das condições de vida e saúde das populações amazônicas e para o desenvolvimento científico e tecnológico regional, integrando a pesquisa, a educação e ações de saúde pública”. Além disso, a revista Fiocruz Amazônia está atrelada aos Objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU), especificamente no objetivo 4: “Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”.

## PROJETO GRÁFICO: LINGUAGEM VISUAL E CIÊNCIA

Um projeto gráfico é um conjunto de especificações para a reprodução de produtos gráficos editoriais, por isso todos os elementos que têm alguns efeitos na experiência de leitura ou



estrategicamente devem estar nele. Para a elaboração deste projeto gráfico, contou-se com a parceria da empresa Maloka Branding Novos Negócios, especializada em um atendimento customizado a partir da interação da equipe de produção editorial, a coordenação do PGDI e de gestão do ILMD/Fiocruz Amazônia.

O desenvolvimento da produção visual da revista, dessa forma, ocorreu dentro do processo de cocriação que consiste em uma forma de inovação que acontece quando colaboradores, fornecedores e clientes associam-se com o negócio, agregando valor, conteúdo, conhecimento e experiências. Segundo o *designer* responsável pela diagramação, Márcio Maciel, da empresa Maloka Branding, o planejamento gráfico atendeu aos elementos estipulados ainda no projeto editorial aliados à identidade da marca institucional, recentemente elaborada. O papel do *branding*, nesse sentido, na imagem institucional desenvolvida em

parceria com os *designers* da Maloka, é alinhar toda a estratégia de comunicação ao desenvolvimento institucional estratégico de modo a criar valor, e a revista é elemento e parte integradora desta estratégia de gestão para a comunicação e informação científica. Assim, a aparência e sentido são elementos que tornam a identidade de marca imediatamente reconhecível, são capazes de expressar um sentimento, dão coesão e diferenciam a marca Institucional, tornando-a única. Os elementos foram de forma intencional desenvolvidos para que pudessem impulsionar a estratégia de marca, diferenciar e integrar com todo sistema da marca ILMD/ Fiocruz Amazônia. “Para o desenvolvimento da capa da Edição 01, por exemplo, a equipe da agência trabalhou em conjunto com a fonte principal da matéria, o pesquisador Dr. Felipe Naveca, a fim de reunir elementos suficientes para expressar a ideia central da matéria”, disse ele.

Um outro ponto para o qual Márcio chamou a atenção foi sobre elementos

como a cor. “Fugimos das cores triviais e frias normalmente utilizadas nesse tipo de produto editorial. A cor também foi pensada de forma minuciosa a fim de chamar ainda mais atenção do leitor à primeira vista. A forma com que foi ilustrado o **arbovírus** na capa foi tridimensionalmente elaborada para melhor ser visualizado a “olho nu” pelos leitores e, assim, aproximá-los da temática”. Os eixos técnicos também foram trabalhados conjuntamente entre o jornalismo e o *designer* e envolveram a definição do *layout*, fontes, *grids* de diagramação, pensando em criar uma “revista limpa” sem muitos elementos gráficos ou detalhes. Quando foi definido o projeto gráfico, o uso dos elementos da marca foi priorizado para criar uma afinidade com o público que ia receber a revista, assim todos poderiam conhecer o ILMD/Fiocruz Amazônia e sua identidade. O desafio do início foi considerado natural para chegar a um ponto de equilíbrio para manter a comunicação fluida tanto na linguagem visual para o grande público quanto para os cientistas (pesquisadores). Para que isso fosse possível, em cocriação, houve a orientação necessária para a aplicação de imagens representativas e ilustrações que pudessem comunicar com todos os públicos.

O *Pattern* (padrão visual), aplicado nos topos das aberturas de matérias na revista e em detalhes ao longo da diagramação da publicação, foi construído a partir das formas de grafismo e elementos da pesquisa. Eles reforçam o lado coletivo do ILMD na comunicação visual, com duas ou mais formas que se relacionam e interagem com outros elementos. Tem um papel importante, ajudando a consolidar formas e cores da identidade do Instituto. Nos arquivos originais da marca, estão disponíveis alguns exemplos que podem



ser usados em peças de comunicação. Algumas diretrizes de uso devem ser respeitadas para que ele seja aplicado de forma consistente em todos os pontos de contato da marca. Abaixo exemplos de páginas com os elementos do *Pattern* previsto no Manual de Identidade Visual da instituição (disponível no endereço: [http://amazonia.fiocruz.br/?page\\_id=16285](http://amazonia.fiocruz.br/?page_id=16285)) associado a linhas finas (mostrando a fluidez da leitura), suavizando o *layout* e equilibrando a página com os elementos textuais (retranca/chapéu, título, subtítulo/sutian, texto, links e QR Code). Na era da convergência digital, em que as linguagens precisam interagir entre si para maior alcance e melhor funcionamento, veículos tradicionais e impressos como a revista precisam estar integrados a novas tecnologias, ampliando as possibilidades de acesso a materiais complementares que apoiem a leitura. Nesse sentido, no projeto da Fiocruz Amazônia Revista, utilizou-se o aparato do Quick Response Code, mais conhecido como QR Code, que consiste em um tipo de código bidimensional desenvolvido no Japão originado como uma evolução dos antigos códigos de barras e hoje é amplamente usado em diversos países do mundo, seja em jornais, revistas, campanhas publicitárias, cartões de visitas, terminais turísticos, rótulos de produtos e em uma infinidade de outros

← um vírus que é essencialmente transmitido por artrópodes, como os mosquitos.

meios. Hoje, a tecnologia do QR Code está acessível a todos. Diante disso, em algumas ocasiões nos textos jornalísticos publicados e até mesmo nas sessões da revista, aplicamos o QR Code para direcionar o leitor a outros conteúdos complementares para aprofundar o conhecimento sobre a temática abordada, como artigos científicos, sites, vídeos, dentre outros. Abaixo alguns exemplos de páginas onde foi aplicada a tecnologia nesta 1ª edição.



Além do acesso direto pelo portal da instituição, onde o leitor pode fazer o *download* ou mesmo visualizar em formato de *flip page* (simula leitura virtual de uma revista impressa, com som e movimento de virar a página), uma das inovações tecnológicas trazidas com a publicação da revista Fiocruz Amazônia foi a disposição do conteúdo integral da revista acessível por meio de um cartão estilo de visita com a capa da revista e o QR Code no verso para o leitor acessar no momento que quiser e de onde quiser via internet. O modelo é prático, acessível financeiramente e está alinhado à política de sustentabilidade, com a redução de impressos. O uso do cartão já está sendo adotado para divulgar outras publicações institucionais que são

distribuídas em vários eventos e reuniões científicas, além de também circular para o grande público. Abaixo a reprodução do cartão, que já serve de inspiração para outras unidades da Fiocruz:



Cartão de visita reproduz a capa da revista e atrás o QR Code de acesso

Um recurso importante utilizado nesta publicação para melhor informar (contexto e visual) foi a aplicação de caixas/balões explicativos, simulando uma espécie de *hiperlink* no impresso (assim como nos meios digitais, é possível passar o *mouse* por cima de um termo e ver a explicação imediata). São recuos ao longo dos textos utilizados para explicar em palavras mais acessíveis algum termo científico usado no texto, sem quebrar a leitura corrida do conteúdo principal. Trata-se de uma estratégia alinhada à missão da Revista, que é popularizar e aproximar as pessoas do universo da ciência. Abaixo alguns exemplos utilizados:



Exemplos do uso do recurso de caixas/balões explicativos para facilitar entendimento



# SÉRGIO AROUCA: UMA TRAJETÓRIA A FAVOR DA SAÚDE COLETIVA

## FONTE

<https://portal.fiocruz.br/pt-br/content/sergio-arouca>  
<http://bvsarouca.icict.fiocruz.br/>

## FOTOS

Acervo da Coordenadoria de Comunicação Social/Fiocruz



Vídeo: Arouca, meu  
irmão - uma trajetória a  
favor da saúde coletiva

O sanitarista Sérgio Arouca foi um dos principais teóricos e líderes do chamado “movimento sanitarista”, que mudou o tratamento da saúde pública no Brasil. Arouca nasceu em Ribeirão Preto e formou-se médico pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) em 1966. Como consultor da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), Arouca atuou em vários países: Colômbia, Costa Rica, Cuba, Honduras, México e Peru. A consagração do movimento veio com a Constituição de 1988, quando a saúde se tornou um direito inalienável de todos os cidadãos, instituído na Carta Magna

Brasileira: A saúde é direito de todos e dever do Estado. Arouca é reconhecido por sua produção científica e a liderança conquistada na construção do Sistema Único de Saúde (SUS). Foi presidente da Fiocruz em 1985, professor concursado da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) e chefe do Departamento de Planejamento da Escola. Durante a sua gestão, ele se preocupou com a democratização da Fiocruz, recuperando a associação de funcionários e promovendo eleições diretas para a sua diretoria. Modernizou a administração, estabelecendo mecanismos de gestão



Arouca toma posse como presidente da Fundação Oswaldo Cruz no dia 03 de maio de 1985.

Arouca abraça o cacique Raoni.



Arouca em um dos muitos atos em defesa da Fiocruz dos quais participou na década de 80.

colegiada e participativa e nomeando diretores eleitos pelas unidades. Criou o Conselho Deliberativo como instância máxima de deliberação da Fiocruz. A tese de doutorado de Arouca, intitulada 'O dilema preventivista: contribuição para a compreensão e crítica da medicina preventiva', forneceu fundamentos teóricos estruturantes para a constituição da base conceitual da saúde coletiva.

Arouca faleceu aos 61 anos, em 2 de agosto de 2003. Era casado com a sanitarista Lúcia Souto. Seus quatro filhos: Pedro, com a sanitarista Anamaria Tambellini, e as meninas Lara, Nina e Luna, com a sanitarista Sarah Escorel. Por sua produção científica e a liderança conquistada na construção do Sistema Único de Saúde (SUS), o sanitarista virou uma referência mundial.



# Calendário da Saúde 2018



## Janeiro

Janeiro Branco - Ações em Saúde Mental

- 02 - Dia do Sanitarista
- 04 - Dia Nacional da Abreugrafia
- 04 - Dia do Hemofílico
- 14 - Dia do Enfermo
- 19 - Dia Mundial do Terapeuta Ocupacional
- 20 - Dia do Farmacêutico
- 24 - Dia da Previdência Social
- 24 - Dia Mundial do Hanseniano



## Fevereiro

Fevereiro Laranja - Combate à Leucemia  
Fevereiro Roxo - lúpus/mal de Alzheimer/fibromialgia

- 04 - Dia Mundial do Câncer
- 05 - Dia Nacional da Mamografia
- 05 - Dia da Papiloscopia
- 08 - Dia Internacional da Mulher
- 11 - Dia Mundial do Enfermo
- 21 - Dia Mundial da Infância
- 21 - Dia Nacional da Síndrome de Down
- 22 - Dia Mundial da Água
- 24 - Dia Mundial da Tuberculose
- 27 - Dia do Idoso Março
- 28 - Dia das Doenças Raras
- 31 - Dia Nacional da Nutrição



## Março

Março Azul - a prevenção ao câncer colorretal

Câncer de Rim

- 09 - Dia da Nefrologia
- 21 - Dia Mundial da Infância e do Sono
- 24 - Dia Mundial de Combate à Tuberculose
- 31 - Dia Mundial da Nutrição



## Abril

Abril Verde - Segurança e Saúde do trabalhador com vistas a redução de acidentes de trabalho

- 02 - Dia Mundial da Conscientização do Autismo
- 04 - Dia do Parkinsoniano
- 07 - Dia Mundial da Saúde
- 07 - Dia do Médico Legista
- 12 - Dia do Obstetra
- 14 - Dia do Técnico em Serviços de Saúde
- 26 - Dia Nacional de Prevenção e Combate à Hipertensão
- 30 - Dia Nacional da Mulher



## Maio

Maio Amarelo - Movimento maio amarelo: Chamar atenção para o alto índice de mortes e feridos no trânsito

- 01 - Dia Internacional do Trabalhador
- 02 - Dia Mundial de Combate a Asma
- 07 - Dia do Oftalmologista e Dia Nacional de Prevenção da Alergia
- 08 - Dia Internacional da Cruz Vermelha
- 12 - Dia Mundial do Enfermeiro
- 13 - Dia do Zootecnista
- 15 - Dia do Assistente Social
- 18 - Dia Nacional de Luta Antimanicomial
- 26 - Dia Nacional da Combate ao Glaucoma
- 27 - Dia do Serviço de Saúde do Exército
- 28 - Dia Internacional de Luta pela Saúde da Mulher
- 28 - Dia Nacional de Redução da Mortalidade Materna
- 31 - Dia Mundial sem Tabaco



## Junho

Junho Vermelho - Importância das doações de sangue em todo País

Junho Laranja - conscientização sobre a anemia e leucemia.

- 05 - Dia Mundial do Meio Ambiente
- 09 - Dia da Imunização
- 11 - Dia do Educador Sanitário
- 14 - Dia Mundial do Doador de Sangue
- 17 - Dia Nacional de Combate a Asma
- 18 - Dia do Químico
- 21 - Dia Nacional da Prevenção à Asma
- 25 - Dia Internacional de Combate às Drogas
- 26 - Dia Internacional sobre o Abuso e Tráfico Ilícito de Drogas





# MEDTROP 2018

54º CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA  
DE MEDICINA TROPICAL

**02 a 05 Setembro 2018**

Centro de Convenções de Pernambuco  
Olinda PE



## Temas Centrais

- Acidentes por animais peçonhentos
- Arboviroses
- Doença de Chagas
- IST | HIV | aids e hepatites virais
- Epidemiologia e controle
- Esquistossomose
- Hanseníase
- Leishmanioses
- Malária
- Medicina de viagem
- Micoses
- Outras infecções bacterianas
- Outras infecções parasitárias
- Outras infecções virais
- Tuberculose e Micobactérias Não Tuberculosas
- Vetores
- Vigilância em saúde
- Demais agravos

## Valor da inscrição

Categoria	De 02.03 até 01.06.2018	De 02.06 até 27.08.2018	No Local do Evento
Sócio SBMT	R\$ 470,00	R\$ 575,00	R\$ 625,00
Membros Rede TB	R\$ 470,00	R\$ 575,00	R\$ 625,00
Outras Sociedades afins	R\$ 525,00	R\$ 625,00	R\$ 680,00
Não-Sócio SBMT	R\$ 625,00	R\$ 730,00	R\$ 785,00
Residente e Pós-Graduandos	R\$ 365,00	R\$ 470,00	R\$ 525,00
Aluno de Graduação	R\$ 265,00	R\$ 365,00	R\$ 420,00
Funcionário de nível médio de entidades públicas	R\$ 275,00	R\$ 375,00	R\$ 430,00

As inscrições deverão ser realizadas através do site  
<http://www.medtrop2018.com.br/>

Realização



Informações



81 3463 0206 | 3463 0729 | 99849 0200  
[medtrop2018@bureaudeeventos.com.br](mailto:medtrop2018@bureaudeeventos.com.br)

Siga o MEDTROP2018, nas redes sociais



# VIII CONGRESSO INTERNO: A CONSTRUÇÃO DA FIOCRUZ DO FUTURO

EXPOSIÇÃO

11 COMPROMISSO  
COM A DIVERSIDADE



10 DIPLOMACIA  
DA SAÚDE E O SUS



9 AMAZÔNIA  
ESTRATÉGICA



8 PLATAFORMAS  
COLABORATIVAS



7 VIOLENCIA  
EM SAÚDE



1 INTERAÇÃO  
GOVERNO  
SOCIEDADE



2 FORTALECIMENTO  
DO SUS



6 AGENDA  
2030 - ODS



5 INOVAÇÃO  
E TECNOLOGIAS  
SUS  
CIS



4 DESAFIOS  
SANTÁRIOS



3 CONHECIMENTO  
E DIÁLOGO



Conheça mais  
sobre as Teses.



Rua Teresina, 476. Adrianópolis.  
Manaus – AM. CEP: 69.057-070.  
Tel.: (92) 3621-2323



[amazonia.fiocruz.br](http://amazonia.fiocruz.br)  
ILMDFiocruzAmazonia



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



ILMD INSTITUTO LÍDIOBES  
& MARIA DEANE  
Fiocruz Amazônia